



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN - DAUD  
BACHARELADO EM DESIGN

DEBORAH ALENCAR MEIRA

**BENEDITA**

Mulheres, design e as narrativas de militância na cidade de Fortaleza.

FORTALEZA  
2019



DEBORAH ALENCAR MEIRA

**BENEDITA**

Mulheres, design e as narrativas de militância na cidade de Fortaleza.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Design.

FORTALEZA  
2019



DEBORAH ALENCAR MEIRA

**BENEDITA**

Mulheres, design e as narrativas de militância na cidade de Fortaleza.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Design.

Apresentado em: 02/12/2019

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Cláudia Teixeira Marinho  
Orientadora

---

Prof. Dra. Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva  
Convidada interna

---

Joana Ferreira Borges  
Graduada em História (UFC)  
Convidada externa

FORTALEZA  
2019



## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho àquelas e àqueles que, através do incentivo, do carinho e da luta, me fizeram acreditar ser este um dos caminhos possíveis para as mulheres no decurso desta imensa, bonita e dolorida história que vem sendo construída antes de mim e atravessará o meu tempo de vida.

Mãe e Pai, por tudo aquilo que as palavras não cabem traduzir.



E se a força é tua ela um dia é nossa  
Olha o muro, olha a ponte,  
Olhe o dia de ontem chegando  
Que medo você tem de nós, olha aí  
Você corta um verso, eu escrevo outro  
Você me prende vivo, eu escapo morto  
De repente olha eu de novo.

Pesadelo, Paulo César Pinheiro



## RESUMO

Benedita é um projeto que aborda o Design aplicado à cidade de Fortaleza na contemporaneidade e as estratégias da cibercultura aliadas a intervenção urbana, tendo como ponto de partida narrativas opositoras à ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) delineadas por três mulheres ex-militantes secundaristas do Colégio Justiniano de Serpa.

**Palavras-chave:** Militância secundarista. Design e política. Cibercidades. Intervenção Urbana.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Infográfico de metodologia de projeto .....	22
Figura 2 - Mockup do projeto Benedita no aplicativo Instagram.....	33
Figura 3 - Mapa de Intervenções.....	34
Figura 4 - Intervenção: Praça dos Leões (R. Senador Madureira - Centro) .....	35
Figura 5 - Intervenção: Arquivo Público do Estado do Ceará (R. Senador Pompeu - Centro) .....	37
Figura 6 - Intervenção: Colégio Justiniano de Serpa (Av. Santos Dumont - Centro).39	
Figura 7 – Intervenção subsequente no Colégio Justiniano de Serpa (Av. Santos Dumont – Centro).....	40
Figura 8 - Esquema de cores projeto Benedita .....	43
Figura 9 - Construção do logo Benedita.....	44
Figura 10 - Fonte Helvética Regular.....	45
Figura 11 - Aplicações do logo .....	45
Figura 12 - Logo Benedita e as derivações de formatação das peças gráficas de intervenção.....	47
Figura 13 - Processo de criação da peça gráfica de intervenção.....	48
Figura 14 - Colagem 1: Intervenção Praça dos Leões (R. Senador Madureira - Centro) .....	49
Figura 15 - Colagem 2: Intervenção Arquivo Público do Estado do Ceará (R. Senador Pompeu - Centro) .....	50
Figura 16 - Colagem 3: Intervenção no Colégio Justiniano de Serpa .....	50



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	17
1.2	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO RECORTE HISTÓRICO DA PESQUISA	18
1.3	IRACEMA, CACAU E MIRTES	19
1.3.1	Iracema Serra Azul Da Fonsêca (1953 - )	20
1.3.2	Maria do Carmo Moreira Serra Azul, Cacau (1951 - 2019)	20
1.3.3	Mirtes Semeraro de Alcântara Nogueira (1952 - )	21
<b>2</b>	<b>DESIGN ENQUANTO ESTRATÉGIA POLÍTICA</b>	<b>23</b>
2.1	NARRATIVAS URBANAS NO CONTEMPORÂNEO	24
<b>3</b>	<b>MAPEAMENTO E INTERVENÇÕES</b>	<b>29</b>
3.1	METODOLOGIA	29
3.2	RECORTE DE MAPA	30
3.3	ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO	30
3.4	OBJETO LOCAL DE INTERVENÇÃO - POSTE	31
3.5	INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE AMPLIFICAÇÃO	32
3.6	INTERVENÇÕES	33
3.6.1	Mapa de intervenções: Benedita	33
3.6.2	Praça dos Leões (R. Senador Madureira - Centro)	34
3.6.3	Arquivo Público do Estado do Ceará (R. Senador Pompeu - Centro)	36
3.6.4	Col. Justiniano de Serpa (Av. Santos Dumont)	38
3.6.5	Intervenção Subsequente - Col. Justiniano de Serpa	40
<b>4</b>	<b>PROJETO GRÁFICO</b>	<b>41</b>
4.1	CONCEITUAÇÃO IDENTIDADE VISUAL	41
4.2	NAMING	41
4.3	CORES	42
4.4	LOGO	43
4.5	FONTE	44
4.6	PROJETO GRÁFICO DE INTERVENÇÃO	46
4.6.1	Elementos	46
4.6.2	Metodologia de construção da peça gráfica	47

4.6.3 Colagens .....	48
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>75</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva desenvolver uma abordagem do design nas dimensões da mediação - interação - reflexão - contextualizadas nos conceitos que abrangem as cibercidades. Deste modo, visa incutir conexões entre o híbrido da cidade de Fortaleza na contemporaneidade e as estratégias da cibercultura, tendo como objeto narrativas opositoras à ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) delineadas por três mulheres: Iracema Serra Azul da Fonsêca, Maria do Carmo Moreira Serra Azul e Mirtes Semeraro de Alcântara Nogueira. Aqui, o recorte se dá no movimento estudantil secundarista: cenário de uma cultura de luta de movimentos sociais.

Através de uma pesquisa prévia feita no departamento de História (Universidade Federal do Ceará, UFC) no tocante do recorte de gênero da militância estudantil e de mulheres com histórico de prisões políticas, Maria do Carmo (Cacau), aparece como nome recorrente e acessível do ponto de vista do encontro e da disposição para contribuir com o projeto. O encontro com Cacau orientou o trabalho pelo viés da sobrevivência, do não-martírio e do afeto. Isto posto, sua irmã caçula, Iracema e sua grande amiga, Mirtes, foram adicionadas à pesquisa que, por sua vez, possui o Colégio Estadual Justiniano de Serpa como prelúdio de suas atuações enquanto grupo político.

Os encontros foram presenciais, nas residências de cada uma, separadamente. As conversas foram conduzidas de maneira relativamente espontânea com norte em duas vertentes: onde e como essas mulheres atuavam politicamente. Por se tratar de um tema muito sensível, as perguntas não seguiram moldes fechados e buscaram se ater muito mais ao ato de ouvir do que propriamente o direcionamento de conteúdo. Cacau, Iracema e Mirtes foram previamente esclarecidas que tratava-se de um mapeamento orientador de um projeto a ser desenvolvido.

### 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

No ano de 2016, a então presidenta Dilma Rousseff, ex-militante e sobrevivente da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), foi deposta de seu cargo. No dia 17 de Abril deste mesmo ano, durante a votação pelo seu impeachment,

Dilma sofreu ataques pessoais e teve o torturador coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra (ex-chefe do DOI-Codi) homenageado durante a sessão na Câmara dos Deputados.

Para além de quaisquer julgamentos éticos ou morais do processo de impeachment de Dilma, aquela tarde foi sintomática no que tange a naturalização da violência na esfera institucional. Esta, por sua vez, consequência da estratégica confusão, alienada e distorcida acerca de períodos historicamente antidemocráticos e desumanos na história do Brasil. Naquele dia, assistimos certa legitimação de discursos de ódio, dado que não houveram desdobramentos punitivos pelos absurdos ali colocados.

É necessário compreender que a resistência contra a ditadura posicionou muitas mulheres como defensoras dos direitos humanos e da equidade de gêneros. Caminha (2013) defende que a reflexão sobre suas atuações políticas faz-se necessária, pois foram palco de inúmeras transformações sociais no tocante do gênero:

Tais mudanças atuam na composição das memórias, fazendo com que ações passadas sejam revistas ou mesmo negadas, na medida que esses agentes (re)criam e experimentam as dinâmicas de cultura e poder nas relações sociais onde vivenciam valores e sensibilidades enredadas em tensões sociais. (CAMINHA, 2013, p.9)

Pesquisar a resistência das mulheres em Fortaleza, neste período, é contrapor-se a comum invisibilização do protagonismo feminino na política, cujo silenciamento desarticula e revisita o passado de maneira incompleta.

Logo, a perspectiva da luta – substantivo feminino – pelo viés do recorte de gênero importa ao traçar novas diretrizes para narrativas até então distantes da sociedade civil como um todo.

## 1.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO RECORTE HISTÓRICO DA PESQUISA

Em consonância à irrupção de governos ditatoriais instaurados na América Latina, oficialmente, em 1 de Abril de 1964, instaurou-se no Brasil a Ditadura Civil-Militar, após a derrubada do então presidente eleito democraticamente, João Goulart, sob o comando das forças armadas brasileiras.

Para Rezende (2013) o sistema de ideias e valores sobre a "democracia" que a ditadura buscava defender e estabelecer, estava diretamente ligado à estratégias

de ação nas esferas políticas, econômicas e psicossociais. A ditadura atingiu o auge de sua popularidade na década de 1970, com o "milagre econômico", enquanto censurava os meios de comunicação do país e torturava e exilava dissidentes.

A resistência à Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985) aconteceu, em grande escala, nos centros estudantis. As escolas secundaristas e universidades públicas dividiram protagonismo com vários movimentos sociais naquela época.

Em Fortaleza, Farias (2007) destaca importância de alguns movimentos estudantis organizados e suas entidades, como por exemplo, o CLEC (Centro Liceal de Educação e Cultura, do Colégio Estadual Liceu, cujos estudantes estavam entre os mais ativos da época), a UEE (União Estadual dos Estudantes) e o Centro dos Estudantes Secundaristas do Ceará (CESC), e a Ação Popular (AP, grupo ligado à esquerda católica).

Em entrevista, Maria do Carmo Serra Azul (ex-militante da AP e ex-presa política) defendeu que, ao contrário do que se pensa, na cidade de Fortaleza muitas mulheres desafiaram o papel de gênero tradicional e foram aguerridas através de clubes de mães, associações, comunidades eclesiais de base, bem como também auxiliaram fugas e articularam suporte aos militantes em clandestinidade. As militantes cearenses são as protagonistas do movimento pela anistia de presos e presas políticos, no Ceará.

Maria do Carmo destacou a falta de visibilidade à luta das mulheres, bem como a distorção acerca da imagem da mulher, àquela época, como ser político sem que houvesse, necessariamente, a figura masculina como auxílio para sua militância.

### 1.3 IRACEMA, CACAU E MIRTES

O ato de ir às ruas, não corresponder às expectativas da feminilidade e condições subalternas impostas à mulher, principalmente àquela época, reflete grande obstinação dentro da própria militância política.

Para Caminha (2013) estas mulheres, ao abraçarem uma causa coletiva, romperam com o que era esperado de uma mulher, adotando outras identificações até então a elas negadas. Assim, para além de sua militância de luta e resistência, identificamos que essas mulheres quebraram e (re)elaboraram normas e valores que a sociedade impunha de forma incisiva a vida delas.

Nesta pesquisa, para além das dificuldades determinadas pelo próprio sistema de organização e ocultamento dos documentos referentes ao regime militar, bem como a carência de pesquisas neste sentido, seria ineficiente apontar, em absoluto, todas as mulheres que resistiram à ditadura militar na cidade de Fortaleza.

Este projeto trata-se de reverenciar uma luta específica através do recorte de gênero, transpassando histórias de vida inspiradoras através das vozes de Iracema, Cacau e Mirtes. Contudo, este projeto reverencia todas as mulheres, anônimas ou não, que sobrepujaram seus medos e excederam suas coragens. Que não hesitaram em dar suas vidas, suas vozes e corpos na luta pela democracia e pelo bem comum.

### **1.3.1 Iracema Serra Azul Da Fonsêca (1953 - )**

Ex-aluna do colégio Justiniano de Serpa e ex-militante da Ação Popular - AP. Iracema, em 1974, foi presa no Pernambuco, juntamente com seu marido (Fonsêca), e teve seus dois filhos seqüestrados pelo regime militar. Foi absolvida da acusação de “subversiva”, por falta de provas, e conseguiu reencontrar seus filhos após 40 dias de prisão.

De personalidade doce e calma, Iracema cultivava em sua rotina o cuidado com bonsais e o chá da tarde. Escreveu junto ao seu companheiro, Manoel Fonsêca, o livro *“Benditas & Guerreiras”*, uma coletânea de personagens mulheres (reais e mitológicas) em várias culturas ao redor do mundo.

### **1.3.2 Maria do Carmo Moreira Serra Azul, Cacau (1951 - 2019)**

Ex-aluna do colégio Justiniano de Serpa e ex-militante da Ação Popular - AP. Cacau, foi detida em 1972 quando, por chantagem dos militares, se apresentou na 10ª Região Militar com o objetivo de soltar sua irmã Helena e seu cunhado, Chico Passeata. Maria do Carmo esteve presa no 23 BC, cujas torturas sofridas pelo método DOI-CODI quase a matou por afogamento. Desenvolveu um câncer de mama em 2003, o qual credita às torturas sofridas em sua prisão.

Maria do Carmo guardou vividamente muitas lembranças do período em que atuou politicamente e se orgulhou de sua trajetória, defendendo avidamente que o

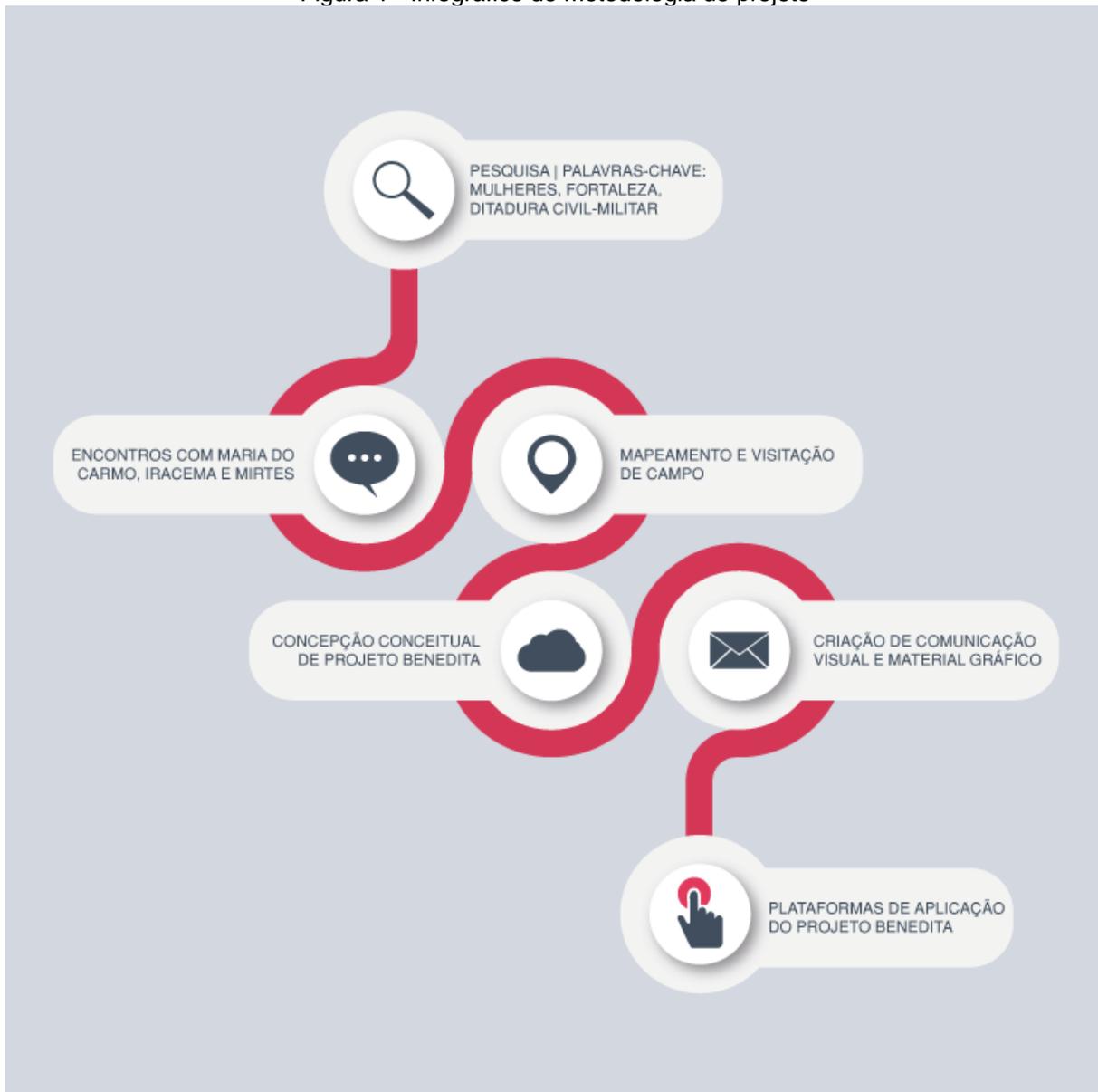
companheirismo e o amor são elementos chave para a resistência política em tempos difíceis. Infelizmente, Cacau veio a falecer neste ano de 2019.

### **1.3.3 Mirtes Semeraro de Alcântara Nogueira (1952 - )**

Ex-aluna do colégio Justiniano de Serpa e ex-militante da Ação Popular - AP. Foi grande liderança no movimento estudantil secundarista, fato que a perseguiu durante todo o regime. Enquanto diretora nacional da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) atuava junto ao comitê de agitação e propaganda. Mirtes participou da Batalha da Maria Antônia (São Paulo, 1968), e em Fortaleza liderou a chamada “Revolta das Saias”, onde também estavam presentes Iracema, Cacau e muitas outras companheiras, na luta por melhores condições estudantis no Justiniano de Serpa.

Segundo Cacau, de suas amigas, ela foi quem mais sofreu as consequências da ditadura. Em 2018, Mirtes teve sua história como inspiração para a personagem Selene, no livro em “*A Mais Longa Duração da Juventude*”, de Urariano Mota, cuja história se passa nos anos de chumbo.

Figura 1 - Infográfico de metodologia de projeto



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

## 2 DESIGN ENQUANTO ESTRATÉGIA POLÍTICA

A presente pesquisa ancora-se na discussão sobre o uso do tecido urbano como espaço expositivo de intervenções políticas através da compreensão do potencial estratégico de projeto (*design*) na emancipação cidadã, aquém das esferas institucionais, do mercado de consumo e do marketing eleitoral.

Latour (2008), curiosamente, prima pelo termo "coisa" ao invés de "objeto", por considerar que este está diretamente ligado à ideia de consumo. A "coisa" compreende o "objeto" através da perspectiva em Rede e não constitui-se apenas da forma como ela é vista de imediato pelo usuário, mas também por todos os processos que o artefato carrega consigo, desde a sua primária existência até o momento em que será absorvido e compreendido pela sociedade e pela natureza. Portanto, o design contemporâneo alcança que sua prática projetual não finda em si mesma: o designer, nada mais é do que um facilitador cujos objetivos variam a cada contexto projetual.

Um órgão social é o que a pipeta e eu, no meu exemplo, se tornaram. Somos uma instituição-objeto. Essa posição soa trivial, se aplicada de forma assimétrica. 'É claro', pode-se dizer, 'que um pedaço de tecnologia deve ser apreendido e ativado por um ser humano, um agente intencional'. Mas a posição que estou assumindo é simétrica: o que acontece no 'objeto' – a pipeta não existe por si só – é ainda mais verdadeiro no 'sujeito'. Não há nenhum sentido possível em dizer que humanos existem como humanos, sem entrar no comércio com aquilo que os autoriza [...] a existir (ou seja, a agir) (LATOURE apud. SANTAELLA; CARDOSO, 2015, p.175).

Em consonância com Bonsiepe (2011), o autor afirma que a flexibilização dos conceitos que abrangem o termo *Design* seria um sintoma claro de uma ampla incorporação do termo nas dinâmicas sociais. Isto não é necessariamente ruim, visto as inevitáveis implicações multidisciplinares nos diversos níveis do objeto e suas implicações sociais.

A divisão tipicamente modernista entre materialidade, de um lado e design, de outro, está lentamente se dissolvendo. Quanto mais os objetos se transformam em coisas – isto é, quanto mais questões de fato se transformam em questões de interesse – mais eles se traduzem inteiramente em objetos de design. (LATOURE, 2008. pag. 3)

A problemática encontra-se quando a abrangência em questão é sintoma de um reducionismo à indústria fabril e mercadológica nas escalas de projeto. Tal

perspectiva distancia o *design* enquanto potência transformadora das reais necessidades humanas, aquém do mercado financeiro como direcionador de diretrizes sociais.

Isto posto, a ferramenta mais importante que o design possui a disposição, para equacionar os desafios do atual mundo complexo, é o pensamento sistêmico: a capacidade de compreender um problema por uma visão ampla e integradora e criar mediante essas informações (CARDOSO, 2011).

Ao defender que a práxis permeia a reinterpretação e análise de produtos contextualizados em suas narrativas históricas, Bonsiepe (2011) aplicou a lógica humanista no contexto do design: o projeto. O designer possui ferramentas de cognição projetual capazes de elaborar propostas de cunho democrático e emancipatórias, através de artefatos semióticos. A concepção humanista-projetual faz objeção às práticas mercantilistas do *design* e visa compreender as sociedades para além de meros consumidores da “coisificação” – como define Flusser (2007).

Bonsiepe (2011) relaciona a práxis do design enquanto instrumentalizador de táticas de opressão utilizadas como justificativa para a manutenção da ordem. Aqui, podemos fazer relação com o contexto histórico da pesquisa em questão:

O empenho da ditadura militar, durante toda a sua vigência (1964-1984), para demonstrar que suas ações, medidas, atos e desígnios se consubstanciavam em um determinado sistema de ideias e valores sobre uma suposta democracia se constituiu em um dos pilares de sua pretensão de legitimidade. (RESENDE, 2013, p.1)

Para o autor, o design contemporâneo mais configura-se como um dos mecanismos de sustentação e perpetuação de estruturas dominantes, quando, na verdade, deveria estar orientado às reais necessidades humanas.

Contudo, também é possível delinear estratégias que subvertam esta lógica através da criação e/ou mediação de espaços autônomos, criativos, coletivos e colaborativos capazes de potencializar práticas pertinentes à construção de sociedades mais equânimes. No presente projeto, tais mecanismos são acionados através da combinação entre a elucidação de um recorte narrativo e o tecido urbano enquanto espaço expositivo.

## 2.1 NARRATIVAS URBANAS NO CONTEMPORÂNEO

André Lemos (2013) alinha-se ao pensamento de Cardoso (2011), recorrendo à Teoria Ator-Rede (T.A.R.)<sup>1</sup>, ao afirmar que individualizar uma determinada ação, ou conformar um espaço “micro” não ampara as atuações em rede e suas complexidades. Portanto, segmentar “micro” e “macro”, “individual” e “coletivo” é delimitar a compreensão dos fluxos em rede. Estes fluxos são, ao mesmo tempo, componentes resultantes e contínuos de redes sociotécnicas heterogêneas.

Ao contextualizarmos a cidade no contemporâneo pelo viés da T.A.R alcançamos que os fenômenos urbanos não se dão de maneira cartesiana, pois são consequências de movimentos hierárquicos e representam discursos, portanto, códigos.

Flusser (2007) afirma que um código é um sistema de símbolos e tem por objetivo possibilitar a comunicação entre os homens através da significação de fenômenos. Logo, a comunicação substitui a vivência daquilo a que se refere. À exemplo da cidade de Fortaleza, podemos identificar determinados códigos no que tange o recorte histórico da presente pesquisa.

Ferrara (2004), em concordância à leitura da cidade de maneira sistêmica, afirma que ver a cidade é ler a cultura. É alcançar as manifestações culturais como espaços que se apresentam por leitura visuais, táteis e de aspectos diretamente vivenciais. A cultura como fluxo de comunicação possui papel determinante, pois, é responsável por enaltecer ou subvalorizar aspectos históricos sócio-culturais.

Para a autora, os percursos que permeiam a construção imagética da cidade nos ensina a compreendê-la através dos papéis que esta desempenha enquanto espaço expositivo e veículo comunicativo. A autora faz analogia destes processos ao relacionar o conceito de metamorfose, nas ciências naturais. Neste sistema não há rupturas, ao contrário, há vínculos que atingem o contato híbrido de ações em rede e seguem em constante mudança.

Nesta perspectiva, é possível atingir o vínculo comunicativo que se constrói entre a imagem, o espaço da cidade e as dinâmicas culturais que nela permeiam. No presente projeto, tratamos por imagem o conjunto de códigos (símbolos) que representam determinados discursos acerca do recorte histórico em questão.

Essas imagens geradoras e geradas pelo imaginário constituem os elementos de identificação dos lugares, porém são signos, representações,

---

<sup>1</sup> Proposta por Bruno Latour na década de 1980.

mediações de formas de relações do homem com o espaço; entendê-las é indispensável para reconhecer os lugares e suas histórias e, sobretudo, identificar as percepções acionadas pela cidade e os significados que, no plano mais abstrato e geral do urbano, ela é capaz de sugerir à mente que procura interpretá-la como matriz de um fluxo contínuo de vivências. (FERRARA, 2000, p. 124)

No ano de 2015, o coletivo Aparecidos Políticos localizou cerca de 35 locais que levam nomes de pessoas simpáticas ao regime militar, em Fortaleza. Locais estes que dizem respeito, por exemplo, à educação (como o auditório Castelo Branco, na UFC), à justiça (Fórum Castelo Branco da Justiça Federal), e espaços públicos (Rua Laudelino Coelho – considerado um dos maiores torturadores do Ceará).

Ao compreendermos estes espaços enquanto códigos e símbolos de reverência a um contexto histórico antidemocrático, torna-se latente a necessidade de questionarmos nossa cultura comunicacional urbana no presente momento ao passo que construímos outras alternativas narrativas para o futuro.

Neste sentido, o *design* é acionado neste projeto como um campo essencialmente híbrido que opera a junção nas relações artefato, usuário e cidades para construção de narrativas contra-hegemônicas. Dito isto, nos apropriamos do debate oriundos dos conceitos de *smart cities* para tecer breve compreensão das dinâmicas urbanas no contemporâneo.

O conceito de cidade inteligente (*smart city*) trata-se de questões que começaram a ser arquitetadas no final do século XX a partir da construção do que entendemos hoje por “cibercidades”. A exemplo da cidade de Fortaleza é possível identificar que desde 1999 emergem diversas iniciativas na busca pelo mapeamento de ações e criação de sistemas que integram: tecnologias da informação, participação popular, uso livre de Wi-fi em espaços e transportes públicos, etc.

O corpo humano se transformou em um conjunto de extensões ligadas a um mundo híbrido, pautado pela interconexão de redes e sistemas on e off line. (BEIGUELMAN, 2004, p.1)

Lemos (2005) abrange a cidade como artifício para processos complexos de transporte e comunicação, onde a organização social e as diversas representações políticas são também predominantes e a identidade cultural é frequentemente construída através do compartilhamento da experiência histórica em territórios

físicos e simbólicos. Através da T.A.R, podemos compreender que o espaço urbano no contemporâneo permeia a dimensões “virtual” e “real” da realidade.

Flusser (2002) compreende por mídia (digital ou não) ferramentas que transmitem discursos e considera que estas possuem uma lógica própria, e transmitem informações sobre a realidade segundo leis próprias. Neste sentido, se mudamos a estrutura da mídia, mudamos também o modo como interpretamos a realidade. Isto posto, podemos relacionar a questão da cidade como espaço expositivo de suas narrativas aos conceitos do que compreendemos por cibercidades. No projeto aqui apresentado, temos por mídia a combinação do uso do aplicativo Instagram aliado ao mapeamento das narrativas orais de Iracema, Cacau e Mirtes enquanto potências para a perspectiva de novos horizontes.



### 3 MAPEAMENTO E INTERVENÇÕES

#### 3.1 METODOLOGIA

O mapeamento se dá pela combinação da orientação narrativa à pesquisa acadêmica sobre a militância estudantil secundarista no período abordado. Primeiramente fora realizada a listagem geográfica, seguida de visitas de campo a 19 dos 22 pontos citados e relacionados com os recortes do projeto Benedita. São estes:

1. Av. César Cals
2. Av. da Universidade
3. Barra do Ceará
4. Colégio Imaculada Conceição
5. Colégio Justiniano de Serpa
6. Colégio Liceu do Ceará
7. Estação João Felipe
8. Fábrica Sta. Cecília (ruínas)
9. Fábrica Brasil Oiticica
10. Igreja do Rosário
11. Memorial da Resistência de Fortaleza
12. Memorial da Resistência de São Paulo
13. Praia do Futuro
14. R. Monsenhor Otávio de Castro
15. Pça. da Imprensa
16. Pça. dos Leões
17. Pça. José de Alencar
18. Pça. do Ferreira
19. Pça. da Gentilândia
20. Arquivo Público
21. 23ª Batalhão de Caçadores (23º BC)
22. Praça da Polícia/voluntários (Ex-DOPS)

Após o mapeamento, foi feito um cruzamento de informações acerca de cada local e suas características narrativas. Portanto, mapeamento resultou em três

abordagens para orientar o projeto. As categorias objetivam extrair aspectos que mais se destacam na combinação das entrevistas realizada:

1. Análogo - que é análogo aos dias de hoje:  
Locais onde persiste a cultura de manifestações.
2. Subversivo - que é/era considerado subversivo:  
Locais onde há memória afetiva da juventude.
3. Tarjado - que está posto como “tarja” ao período:  
Locais que representam as prisões e documentos ainda tarjados.

### 3.2 RECORTE DE MAPA

As 3 categorias não objetivam apresentar-se ao público observador, contudo, é uma estratégia organizacional para que a abordagem do projeto seja coesa e diante a complexidade do que pretendeu-se abordar: alegria na juventude em tempos mórbidos; as táticas de resistência e comunicação; e como as questões subjetivas de memória tecem a malha urbana.

Para as intervenções, foram selecionados três pontos (um de cada categoria). Um dos objetivos é que pudesse ser seguido um pequeno roteiro, portanto, a proximidade foi um dos elementos-chave de escolha dos pontos finais. São estes:

1. Análogo: Pça. dos Leões
2. Subversivo: Colégio Justiniano de Serpa
3. Tarjado: Arquivo Público do Estado do Ceará

### 3.3 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

Doyle Canning e Patrick Reinsborough no livro *“Beautiful Trouble - A toolbox for revolution”*, defendem que é preciso pensar narrativamente. Isto significa compreender as relações de poder em discursos hegemônicos para então pensarmos estrategicamente a construção de narrativas não-hegemônicas. Boas estratégias são capazes de conduzir uma reflexão acerca de uma narrativa dominante ou pode servir como reforço para construir uma narrativa da mudança.

Ao projetar ações, é preciso também compreender que outras pessoas não compartilham de nossas convicções. Portanto, despertar a curiosidade através de elementos familiares é fundamental para potencializar o alcance discursivo do

projeto, bem como dar espaço para que outras pessoas se apropriem e sejam protagonistas de novos desdobramentos. O projeto *Benedita* objetiva, como uma gota no oceano, aguçar a necessidade de novas perspectivas acerca do recorte histórico aqui presente.

Toda história é construída sobre suposições não declaradas. Às vezes, a melhor maneira de desafiar uma história concorrente é expor e desafiar suas suposições não declaradas. Tornar o invisível visível. (CANNING; REINSBOROUGH, 2012, p. 186).

Em *Benedita*, a práxis dessa teoria está no conjunto de estratégias, do projeto gráfico à aplicação, que constroem conexões visuais discursivas, entre o espectador e o objeto de intervenção. São estas: coesão gráfica; elementos familiares; frases sutis e potentes; disposição geográfica capaz de relacionar o objeto ao local de intervenção e, por fim, a potencialidade do projeto em rede através do Instagram como ferramenta de aproximação entre o projeto e o observador.

#### 3.4 OBJETO LOCAL DE INTERVENÇÃO - POSTE

Naquela época, a militância adicionou ao poste, este objeto que possui como objetivo primário sustentar fiações elétricas, o propósito de amplificar a voz daqueles que estavam nas ruas. Eram utilizados como uma espécie de “megafone” devido a sua alta estrutura que permitia chamar atenção para reivindicações políticas que eram dadas por voz, os chamados “comícios”.

A gente se trepava nos postes para fazer comícios. Era uma prática. Todo mundo trepado nos postes. Os postes tinham um dentezinho e aí nesse dente a gente ficava grudado lá e falando pra criar um nível mais alto que a maioria das pessoas. (MIRTES, 2016, APÊNDICE B)

Temos no poste um objeto do imaginário coletivo, presente em praticamente todas as ruas da cidade. Na contemporaneidade, postes de fiação são colocados como ornamentos públicos de comunicação. É comum vermos propagandas, ofertas de emprego, currículos e outras intervenções. Este lugar comum do uso dos postes, acaba por tornar-se uma prova empírica da eficácia de seu uso para criar laços de comunicação no tecido urbano. Ademais, postes são artefatos urbanos no qual todos estamos familiarizados, possibilitando assim combinar mais um elemento que

padroniza o marco geográfico e ajuda a criar um campo imagético de identificação do projeto Benedita nas ruas de Fortaleza.

A aplicação da peça gráfica foi calculada para combinar: uma altura proporcional ao campo de visão do transeunte; a leitura da frase abrangendo a perspectiva do espaço em questão. Por fim, a relação mensagem x observador.

### 3.5 INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE AMPLIFICAÇÃO

O aplicativo Instagram é um recurso para dispositivos móveis (celulares) criado inicialmente para o compartilhamento de fotografias. Atualmente conta com cerca de 1 bilhão de usuários ao redor do mundo, expandindo seu alcance através de artifícios como: uso de hashtags, 3 formatos possíveis de publicação de imagem e vídeo (Feed, Stories e IGTV), além da possibilidade de interação nesses 3 ambientes dentro da mesma plataforma.

A ferramenta conta com mecanismos de reforço cognitivo para o compartilhamento de imagens e interação responsiva, tornando-o, além do uso cotidiano e de marketing para promoção de empresas e negócios, um dos principais dispositivos de divulgação de trabalhos e portfólios criativos. Deste modo, é possível compreender que a ferramenta em questão pode ser uma grande aliada no que cerne a expansão dos desdobramentos de uma intervenção urbana.

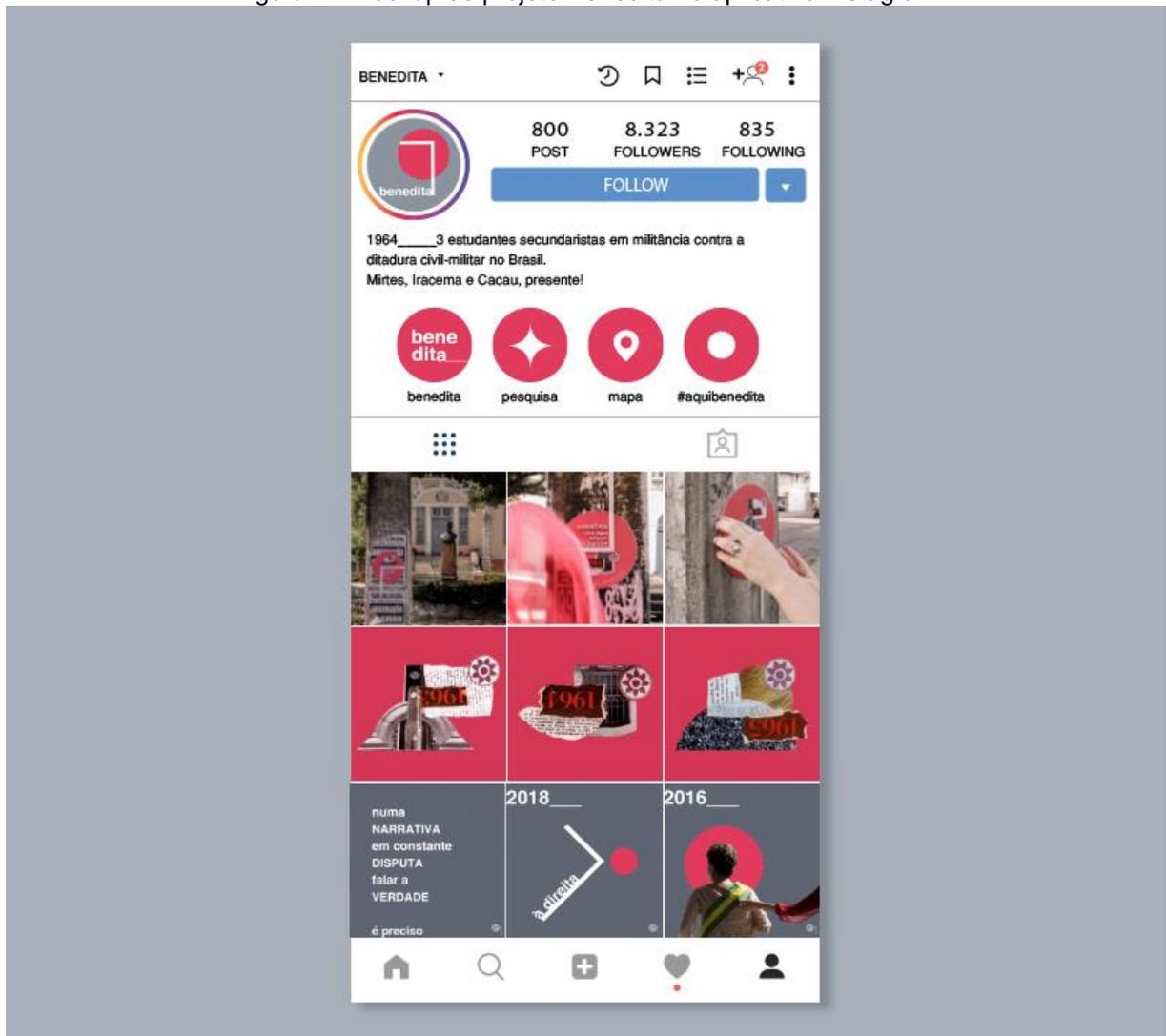
Hoje, na história da arte, um trabalho artístico é um objeto social. No futuro, presumo que 'A digitalização do trabalho artístico completará o objeto físico, desmaterializando-o e transformando num objeto social completamente definido pela conversa que o envolve e não pela própria experiência'. (ART, 2016)

Na peça gráfica de intervenção na rua, o observador pode ver uma discreta inscrição que identifica seu perfil do projeto Benedita no aplicativo Instagram. A proposta é que o observador/usuário, ao entrar no perfil do projeto, possa interagir além da rua ao explorar mapas, aprofundar-se do contexto histórico e demais dados complementares às intervenções em questão.

Isto posto, podemos compreender a ferramenta digital não somente como um meio de conexão entre o tecido urbano, o ser e a intervenção na rua, como também um dispositivo complementar que adiciona novas camadas de informações e

interpretações e possibilita outras repercussões do projeto através de seu compartilhamento e interação.

Figura 2 - Mockup do projeto Benedita no aplicativo Instagram



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

## 3.6 INTERVENÇÕES

### 3.6.1 Mapa de intervenções: Benedita

Figura 3 - Mapa de Intervenções



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

### 3.6.2 Praça dos Leões (R. Senador Madureira - Centro)

Aqui temos dois significantes: representamos a religiosidade católico-cristã presente na militância daquela época e o centro da cidade como espaço catalisador dos movimentos sociais estudantis, muito frequentes à época.

Nós transitávamos pelas ruas do centro da cidade, em passeatas, em manifestações, e as pessoas nos acolhiam muito bem. Praticamente toda noite a gente estava em gritaria fazendo, entre aspas, baderna. (MIRTES, 2016, APÊNDICE B)

Nesse tempo a gente era muito muito cristã mesmo. A gente saía mas 'nós não vamos perder a missa'. Aí ia pra missa do Rosário. (IRACEMA, 2016, APÊNDICE C)

Trecho de origem da frase:

Em 68 começaram as pixações. Aconteciam na Avenida da Universidade, nas periferias e Fábricas com propósito de incitar a classe trabalhadora. Aconteciam à noite e clandestinamente. (MARIA DO CARMO, 2016, APÊNDICE A)

Frase Final:

1968 da periferia ao centro

Figura 4 - Intervenção: Praça dos Leões (R. Senador Madureira - Centro)



Crédito: Thais Menescal / Três por Quatro (2019).

### 3.6.3 Arquivo Público do Estado do Ceará (R. Senador Pompeu - Centro)

Aqui representamos uma camada sensível do ponto de vista material referente a memória dos nossos acontecimentos históricos. Mesmo após 34 anos do fim da ditadura civil-militar no Brasil, ainda temos documentos ocultados, tarjados e muitas famílias sem saber o paradeiro de seus entes desaparecidos. Aqui, buscamos trazer a dualidade sobre os propósitos do esquecimento voluntário: aquele posto como narrativa histórica e aquele enquanto estratégia de sobrevivência.

Na época a gente não fazia questão de manter memória de nada. Nem de reter nome. Se a gente fosse pra uma reunião já combinava outro nome porque se alguém ouvisse, ia dizer. Dos aparelhos, eu não lembro. Faz muito tempo. (MARIA DO CARMO, 2016, APÊNDICE A)

Eu fui lá, peguei o documento, mas todos os nomes, exceto o meu, foram tarjados. O nome dela não aparece. Ela conta a história toda, me esculhamba inteiramente, bota os documentos do CESC, que era a representação estudantil, mas é tudo tarjado. (MIRTES, 2016, APÊNDICE B)

Trecho de origem da frase:

Tinha que esquecer porque na hora da tortura você tinha menos coisa a serem ditas. (MIRTES, 2016, APÊNDICE B)

Frase Final:

A memória era mais seguro esquecer

Figura 5 - Intervenção: Arquivo Público do Estado do Ceará (R. Senador Pompeu - Centro)



Crédito: Thais Menescal / Três por Quatro (2019).

### 3.6.4 Col. Justiniano de Serpa (Av. Santos Dumont)

Na escola Mirtes, Cacau e Iracema criaram seus laços de militância. Aqui viveram o momento prévio à clandestinidade imposta aos militantes.

Era uma geração, por exemplo, no Justiniano de Serpa, que lia Simone de Beauvoir, que lia muito. Todo mundo conversava. Tem umas coisas curiosas... o banheiro da escola, que fedia que era um horror, era um lugar de debates políticos. Era interessantíssimo. E as meninas fumavam - que era um traço fabuloso de transgressão porque era proibido fumar e todo mundo fumava - e conversava. E foram se constituindo lideranças, de várias lutas, no movimento secundarista. (MIRTES, 2016, APÊNDICE B)

Trecho de origem da frase:

Quando a gente foi preso foi uma época muito mesmo de todo o tipo de tortura. Sequestraram os meninos, o Ernesto e a Andrea. Eles passaram 40 dias com eles. E a gente tinha que ter essa coisa para poder resistir, senão... (IRACEMA, 2016, APÊNDICE C)

Frase final:

Precisava do amor para resistir.

Figura 6 - Intervenção: Colégio Justiniano de Serpa (Av. Santos Dumont - Centro)



Crédito: Thais Menescal / Três por Quatro (2019).

### 3.6.5 Intervenção Subsequente - Col. Justiniano de Serpa

Benedita tem como um de seus objetivos estimular a apropriação de espaços urbanos da cidade de Fortaleza no espectro temático da memória militante. A designer Lara Dias, por simpatia e afetação, apropriou-se do assunto e trouxe para os muros do colégio Justiniano de serpa uma colagem sua e um o poema de seu tio, Francisco Monteiro, conhecido como Chico Passeata.

Chico foi militante da Ação Popular e companheiro de Helena Serra Azul Monteiro, a irmã mais velha de Iracema e Maria do Carmo. Ele fez parte, junto a esposa, do grande grupo de estudantes universitários militantes. Foi preso e torturado em Recife e em Fortaleza. Felizmente, foi um dos sobreviventes. Veio a falecer no ano de 2010, em decorrência de um câncer. Lara possuía uma relação de afetividade muito grande com o tio e conduziu o desdobramento do Benedita como expressão de seu carinho pela pessoa e trajetória de Chico Passeata.

Figura 7 – Intervenção subsequente no Colégio Justiniano de Serpa (Av. Santos Dumont – Centro)



Crédito: Thais Menescal / Três por Quatro (2019).

## **4 PROJETO GRÁFICO**

### **4.1 CONCEITUAÇÃO IDENTIDADE VISUAL**

#### **Conceitos-chave:**

**Temporalidade / Familiaridade / Manualidade**

#### **Material gráfico de pesquisa:**

**Arquitetura / Documentos / Jornais / Cartas / Tecido Urbano**

Benedita busca opor-se à ideia memorialista do martírio. Trata-se de uma tradução visual dada às narrativas orais aqui apresentadas por três mulheres “vivas para contar história” e orgulhosas de suas trajetórias políticas que possuem como ponto de partida o colégio Justiniano de Serpa, localizado no centro da cidade de Fortaleza, Ceará.

Portanto, a determinação das cores e elementos gráficos não poderia escapar da arquitetura e do tecido urbano em que essas histórias estão inseridas nem das ambiências comunicacionais da época.

Logo, a comunicação do projeto nasce substancialmente da análise visual de elementos fundamentais ao projeto: visitação de campo; documentos coletados; jornais das décadas de 60 e 70; cartas e selos do mesmo período.

A inclinação do olhar a estes objetos é justificada pelo material disponibilizado por Iracema, Cacau e Mirtes, e suas orientações sobre a busca de maiores informações e dados relacionados à pesquisa.

### **4.2 NAMING**

O disfarce diante a clandestinidade imposta à oposição política era uma questão de sobrevivência. Trocar de nome e vestir outros trajes em prol da própria segurança era algo comum.

Nós tínhamos os chamados nomes frios. Então, eu era a Benedita. Cada uma tinha um nome frio e era assim que acontecia. (MIRTES, 2016, APÊNDICE B)

Era uma graça, até hoje a gente brinca porque a peruca era a mesma. A Mirtes era loira, com uma peruca ruiva, E eu com cabelo escuro com a peruca ruiva. (MARIA DO CARMO, 2016, APÊNDICE A)

“Benedita” trás consigo o paradoxo da persistência na identidade própria diante uma conjuntura de violência e apagamento. Do Latim, “abençoada”, “Benedita” também faz referência aos valores cristãos em que estas mulheres foram orientadas praticamente durante toda a sua militância.

A esquerda cristã brasileira, tal como aparece nos anos 60 na JUC, na JEC e na AP é a primeira forma que toma, na América Latina, a articulação entre fé cristã e política marxista -não como fenômeno individual, excepcional, mas como corrente com uma base social ampla. (LÖWY, 1989, p.4)

Dito isto, o naming traduz as camadas que orientaram o projeto como um todo: a perseverança da luta política aliada às relações de afeto, sem jamais esquecer ou diminuir o contexto desumano em que milhares de pessoas foram colocadas.

### 4.3 CORES

A visitação de campo permitiu identificar o uso das cores. As cores utilizadas no projeto fazem parte da escala de cores do Colégio Justiniano de Serpa aliadas aos conceitos que norteiam o desenvolvimento de projeto.

#### **Rosa:**

Destaque / Escola / Farda

Aliado ao fato de pertencer aos muros internos do colégio e o fardamento, a escala dos tons de rosa contrapõe-se ao uso crítico e desgastado do vermelho para retratar o período de militância contra a ditadura civil-militar no Brasil. Utilizado como cor destaque, o rosa é posto como cor principal no marco das intervenções do projeto.

#### **Branco:**

Contraste / Memória

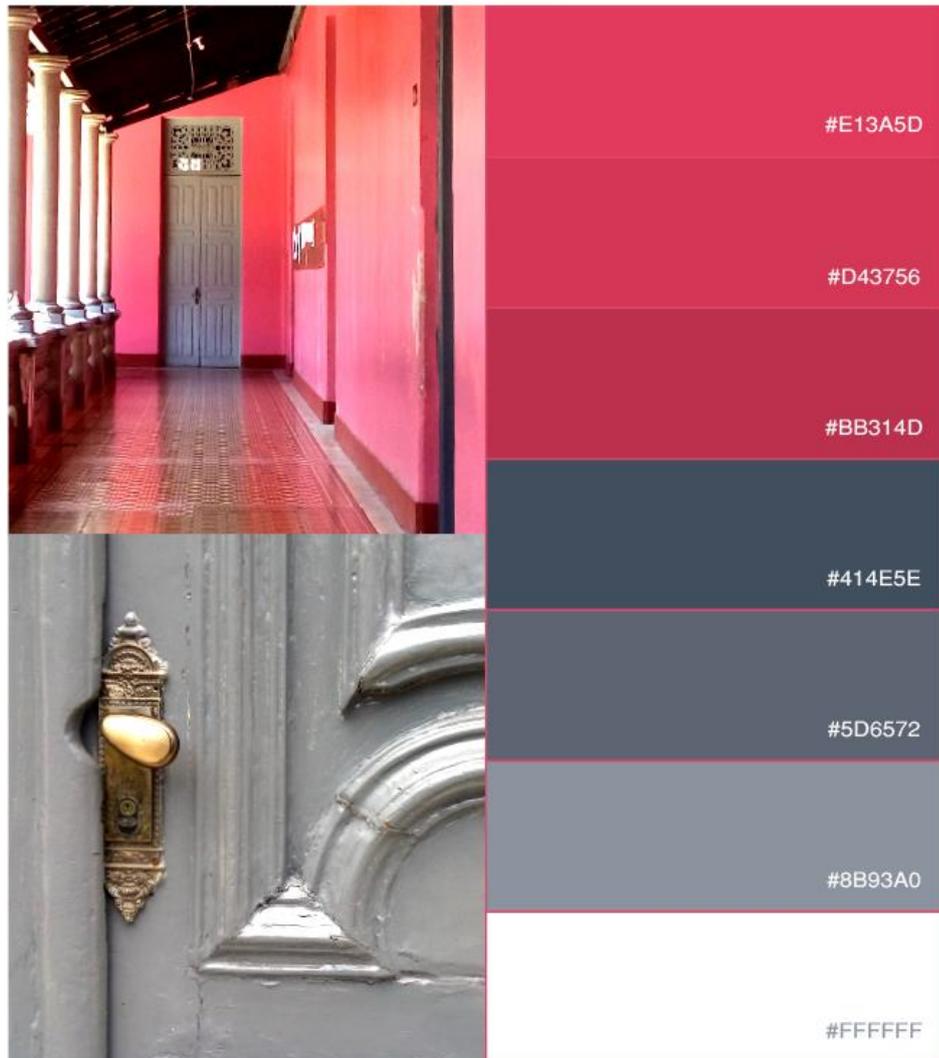
Usado como contraste complementar ao rosa. Remete à questão do “branco da memória” presente não somente na fala das entrevistadas como no meio urbano.

#### **Cinza:**

Chumbo / Escola / Cidade

Presente nas portas e janelas internas e externas da escola, a escala de cinza remete ao “anos de chumbo”, ao cinza predominante na cidade. Usado como plano de fundo para leitura e uso secundário.

Figura 8 - Esquema de cores projeto Benedita



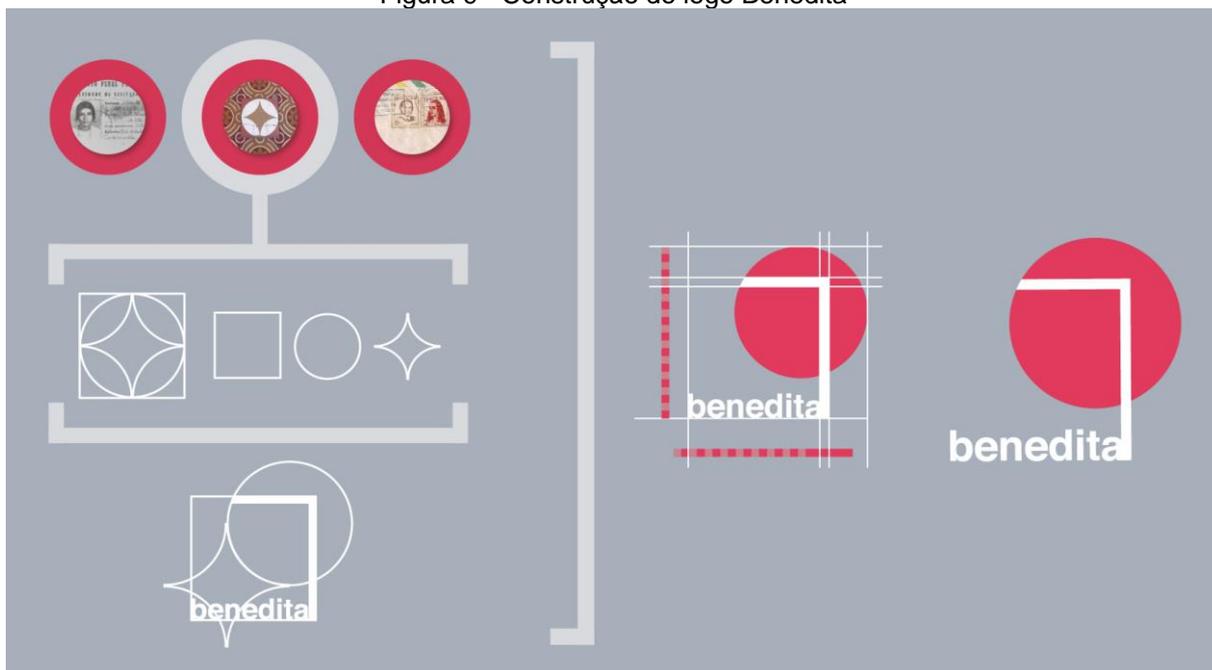
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

#### 4.4 LOGO

##### **Conceituação: cartas + piso resultando em referência visual**

Aqui, mais uma vez, traduzimos as narrativas através dum recorte arquitetural. O logo do projeto Benedita nasce da união do desenho do piso escolar aliado à estrutura das cartas. Comunicando assim, a ideia de marco geográfico. Tudo isso combinado ao uso da fonte Helvética, comumente usada desde a época até os dias de hoje.

Figura 9 - Construção do logo Benedita



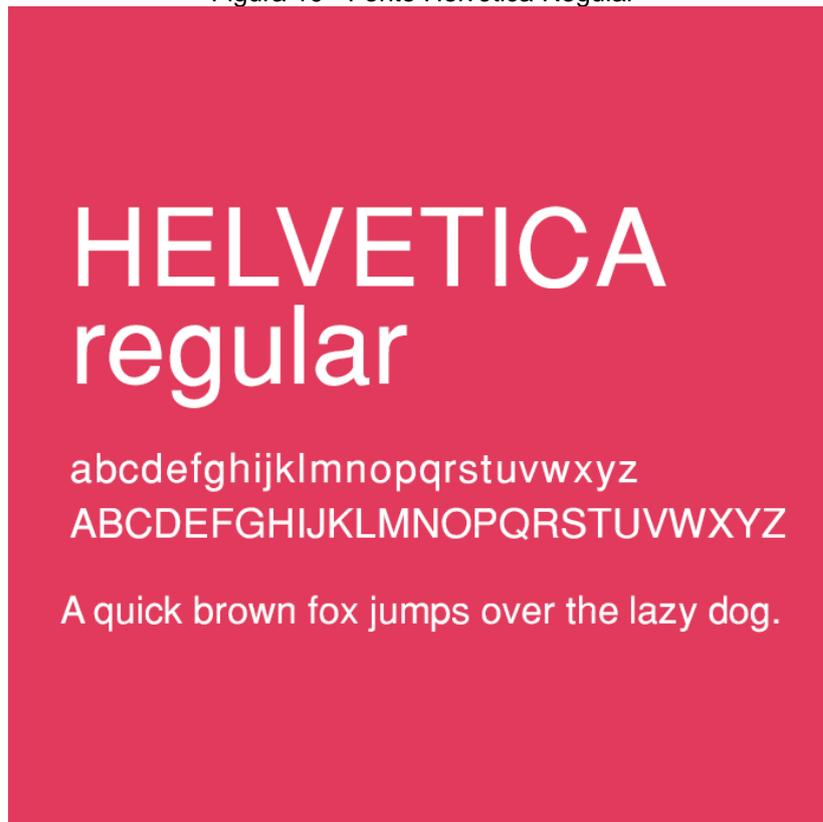
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

#### 4.5 FONTE

Em Benedita, sob a justificativa de não cair no “mais do mesmo” buscamos sair do olhar comum acerca dos aspectos gráficos excessivamente utilizados para retratar este recorte histórico, como por exemplo: uso do vermelho combinado ao p&b, fontes que simulam datilografia, etc. Estes rumos gráficos vieram a ser um desvio preciso e sutil para não resultar em estranhamento ou distorção dos conceitos abordados.

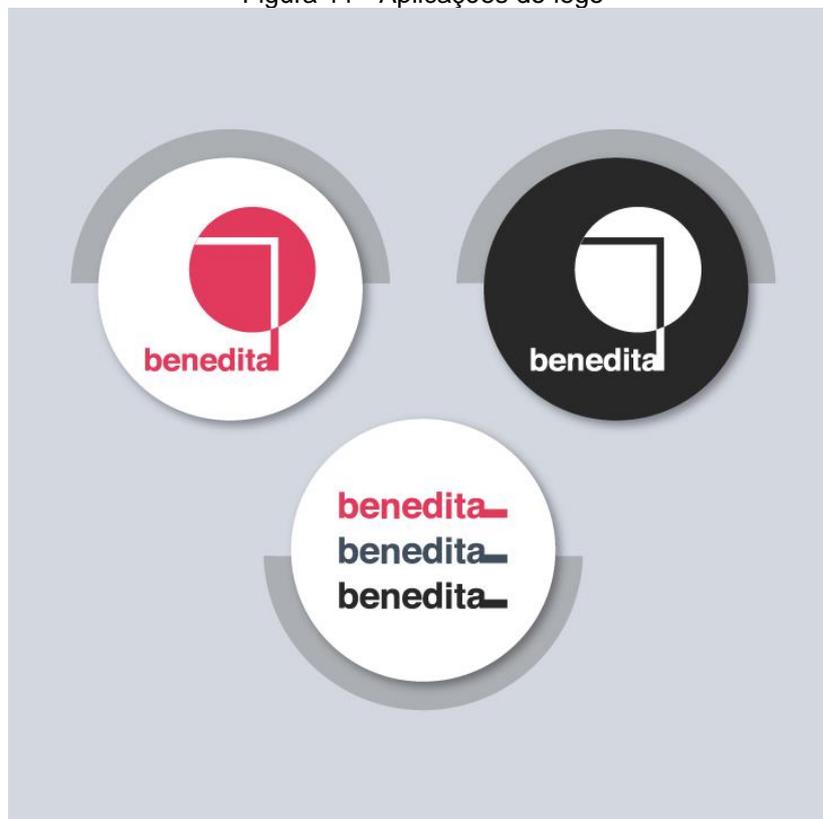
Portanto, a escolha da fonte Helvética se dá, principalmente, pela sua familiaridade. Como uma das fontes mais populares do mundo, sua constante presença em nossa cultura gráfica é capaz de reforçar a conexão na relação observador X objeto. Além disso, Helvetica é uma fonte modernista que consegue permear diferentes contextos históricos em sua aplicabilidade: seu período de ascensão na década de 60 até o momento presente.

Figura 10 - Fonte Helvética Regular



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 11 - Aplicações do logo



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

## 4.6 PROJETO GRÁFICO DE INTERVENÇÃO

### 4.6.1 Elementos

Neste projeto, as intervenções frutos da pesquisa são a síntese-objeto que o logo representa: um marco que determina um espaço físico. O desenho das peças, portanto, são resultante do grid determinado pelo logo desenvolvido. Deste modo, existe a conexão objetiva e direta da marca com o que é possível encontrar nos locais onde foram colocadas as intervenções.

Na haste em branco que sobrepõe o círculo rosa, encontra-se gravado o perfil do projeto no aplicativo Instagram “@benedita\_\_\_\_\_”, já explicado anteriormente.

Cada frase é uma releitura em síntese do que foi dito durante os encontros. O local de intervenção também justifica-se pelo mapeamento das entrevistas. Os recortes de colagens também são fotografias da pesquisa de campo, dos materiais coletados e pesquisa imagética do período.

As superfícies em círculo, consideradas as bases onde se encontram todos os elementos sobrepostos, possuem um recorte à laser vazado. Cada numeração refere-se às coordenadas geográficas de cada ponto de intervenção no mapa de Fortaleza.

Figura 12 - Logo Benedita e as derivações de formatação das peças gráficas de intervenção



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

#### 4.6.2 Metodologia de construção da peça gráfica

A manualidade é um aspecto fundamental na metodologia deste projeto visto que a comunicação por cartas escritas a punho é colocada como um dos pilares conceituais do Benedita. A peça foi projetada através da seguinte metodologia:

1. Definição do objeto-padrão de intervenção no tecido urbano: postes;
2. Definição dos 3 pontos de intervenção: Pça. dos Leões / Arquivo Público / Escola Justiniano de Serpa;
3. Medição do espaço a ser preenchido no poste;
4. Desenho da peça;

5. Corte à laser em PVC (círculo com as inscrições de coordenadas geográficas; as frases);
6. Seleção do material a ser trabalhado na colagem e na base da peça;
7. Impressão do material;
8. Adesivagem da base em cor (papel adesivo) no círculo;
9. Aplicação das sobreposições. Em sequência: linha, texto e ilustração (colagem);
10. Aplicação da peça nos locais de intervenção.

Material: adesivagem em PVC, sobreposição de texto (PVC) e ilustração em colagem (papel sulfite).

Figura 13 - Processo de criação da peça gráfica de intervenção



Fonte: Da autora (2019).

### 4.6.3 Colagens

A colagem é uma técnica artística de composição visual oriunda da sobreposição de imagens e texturas de origens e universos díspares. Através de camadas, a colagem brinca com a noção de unidade e coesão pela combinação dos elementos sem perder o caráter heterogêneo que diferencia cada um. No presente projeto, a escolha das imagens foi feita de maneira digital e a composição final foi feita manualmente.

Aqui, as ilustrações fazem relações com várias conceituações do projeto como um todo: o aspecto das conexões em rede, a temporalidade, a manualidade, etc. Através da composição em camadas, reforçamos o conceito de temporalidade. As imagens selecionadas trazem consigo, por ex: fotografias do colégio Justiniano de Serpa; imagens de Fortaleza; manifestações das décadas de 60 e 70; trechos de documentos e registros de algumas visitas de campo. Aqui, dialogamos a relação presente x passado e criamos mais um aspecto familiar pelas representações imagéticas. Bem como quebramos a esterilidade do minimalismo (texto e cor) que poderia distanciar possíveis desdobramentos.

As cores e os elementos que se repetem foram calculados a fim de manter a harmonização visual entre as peças gráficas como um todo.

Material: cola em bastão, tesoura e papel sulfite.

Figura 14 - Colagem 1: Intervenção Praça dos Leões (R. Senador Madureira - Centro)



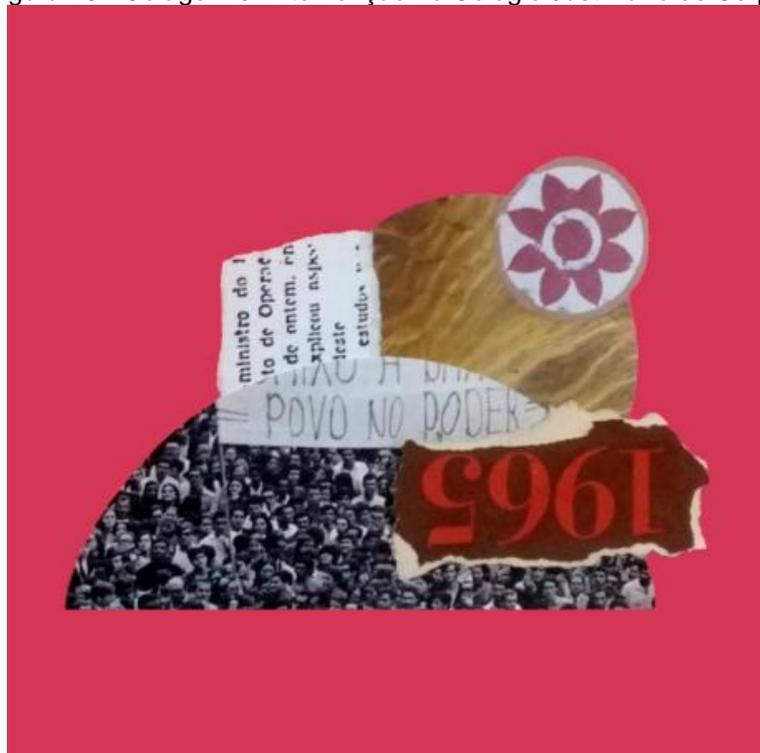
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 15 - Colagem 2: Intervenção Arquivo Público do Estado do Ceará (R. Senador Pompeu - Centro)



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 16 - Colagem 3: Intervenção no Colégio Justiniano de Serpa



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir a persistência de uma dinâmica velada de apagamento e ocultamento de registros no que tange o recorte histórico aqui apresentado. Bem como foi possível conceber a carência de pesquisas sobre a militância estudantil com viés no recorte de gênero feminino contextualizada na cidade de Fortaleza. Contudo, o Departamento de História (UFC) - através das orientações de Raquel Caminha e Ana Rita Fonteles - foi crucial para a aproximação da pesquisa às vozes de Iracema, Cacau e Mirtes.

No contemporâneo, cabe ao designer a consciência sistêmica e, paradoxalmente, limitadora, deste contexto de complexidade projetual. Contudo, não podemos desmerecer que o design e suas metodologias são capazes de acionar dispositivos que fomentem reflexões e ações sobre a produção da vida em comum de maneira consciente e politizada.



## REFERÊNCIAS

- ART in the age of Instagram. TEDx por Jia Jia Fei. 2016. **1 vídeo (13 min)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8DLNFDQt8Pc>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- BAIO, Cesar. **Máquinas de imagem: arte, tecnologia e pós-virtualidade**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2015.
- BEIGUELMAN, G. Criação em rede. **Revista E**. v. 20, p. 46-47, 2013.
- BEIGUELMAN, G. **Link-se: Arte, Mídia, Política, Cibercultura**. São Paulo: Peirópolis, 2005.
- BEIGUELMAN, G. **Admirável Mundo Cíbrido**. São Paulo: Peirópolis, 2004.
- BEIGUELMAN, G. What You See is What you Get or What you Get is What You See?. **Journal für Digitale Ästhetik**. Berlim, Alemanha, 2001.
- BONSIEPE, G. **Design como prática de projeto**. São Paulo: Blucher, 2012.
- BONSIEPE, G. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.
- BONSIEPE, G. Design and Democracy. **Design Issues**. v. 22, n. 2, p.27-34, abr. 2006.
- BOYD, A; **Beautiful Trouble: A toolbox for revolution**. Nova York e Londres: OR Books, 2012.
- CAMINHA, R. R. Construindo uma memória militante: mulheres que lutaram contra a ditadura civil-militar brasileira (1985-1964). *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10*, 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: 2013
- CARDOSO, R. **Design para um Mundo Complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- DE OLIVEIRA, J.P. Cidade e meio ambiente sob um enfoque sistêmico. **Turismo Visão e Ação**. Itajaí, v.1, n.1, p. 45-49, 1998.
- DUARTE, A. R. F; **Jogos da memória: o movimento feminino pela anistia no ceará (1976-1979)**. Fortaleza: INESP UFC, 2012.
- DUARTE, A. R. F; LUCAS, M. R. D. L; **As mobilizações do gênero pela ditadura militar brasileira 1964 - 1985**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.
- FARIAS, J. A. D; **Além das Armas: Guerrilheiros de Esquerda no Ceará**. 2007. Dissertação – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- FERRARA L. D. **Ver a Cidade: Cidade, Imagem, Leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

FERRARA L. D. Cidade: Imagem e Imaginário. *In: Os significados urbanos*. São Paulo, FAPESP: EDUSP, 2000.

FERRARA, L. Cidade e Imagem: entre aparências, dissimulações e virtualidades. **Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 6, n. 1, p.21-32, jan. 2004.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FLUSSER, V. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. *In: CARDOSO, R. Tradução: Raquel Abi-Sâmara*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LATOUR, B. Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design. *In: NETWORKS OF DESIGN*, 2008, Falmouth, Cornualha. **Palestra [...]**.

LEMOS, A. Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 29, 2005. **Anais [...]**.

LEMOS, A. **A Comunicação das Coisas**: Teoria Ator-Rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

LÖWY, M. Marxismo e cristianismo na América Latina. **Lua Nova**. São Paulo, n. 19, p. 05-22, nov. 1989.

MAIA, E. A. **Memórias de luta**: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962-1969). Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MARGOLIN, V. Design, the future and the Human Spirit. **Design Issues**. v. 23, n. 23, jul. 2007.

NETO, M. D. D. F; **Benditas e Guerreiras**. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2014.

NOGUEIRA, C. E. V. **Tempo, progresso, memória: um olhar para o passado na Fortaleza dos anos trinta**. 2006. Dissertação – Faculdade de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

PAPANECK, V. **Design for the real world**. New York: Bantman Books, 1973.

SANTAELLA, L.; CARDOSO, T. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. **MATRIZES**., v. 9, n.1, p. 167-185, 2015.

RESENDE, M. J. **Ditadura militar no Brasil**: repressão e pretensão de legitimidade. Londrina: Eduel, 2013.

TORRES, E. N. S. Educação: a natureza do capital que transforma tudo em mercadoria. **Verinotio**. ano VI, n. 11, abr. 2010.

## APÊNDICE A

### **Cacau**

**Conversa com Maria do Carmo.**

**Realizada dia 10 de Agosto de 2016.**

**Este documento é uma transcrição de áudio em texto e conversas via Whatsapp.**

**MC:** Era uma época única, intensa. Inclusive, em nenhum momento eu me arrependo. Eu acho o seguinte: você simplesmente se doava para defender o que achava justo, apesar de ser mais difícil. Então, quer dizer, o que a nossa geração não fez? Se omitir. Há sempre um caminho novo em cada beco sem saída. Não se pode fixar só nisso (mártire). Tinha amizade, tinha generosidade. Uma parte completamente marcante é o Benfica, o bairro. É onde se juntavam a frente de luta dos secundaristas e dos universitários. Geralmente havia o intercâmbio, as manifestações. O movimento secundarista era liderado por secundarista. E o universitário pelos universitários.

**DM: Onde você iniciou sua resistência à ditadura e por qual razão?**

**MC:** O golpe militar, quando foi dado, eu estudava no Imaculada Conceição. O colégio era a favor do golpe porque não fazia parte da igreja progressista. Apesar de ter o capelão, que era muito progressista. Eu fazia parte de um grupo de jovens a juventude estudantil católica (JEC). A luta iniciou na JEC e depois fui para a AP (Ação Popular). Não tinha como acontecer ao mesmo tempo porque uma era do socialismo cristão e a outra o socialismo marxista.

**DM: Qual foi seu período de resistência? Existiram anos mais significativos?**

**MC:** Durante praticamente toda a ditadura. Os primeiros anos, mais jovem, na JEC, deram inícios ideológicos (questão de direitos humanos, genocídio dos índios e camponeses, etc) e posteriormente prosseguiu militando na Escola Normal, na diretoria do CESC e como integrante do movimento Ação Popular. Em 70 já tava uma violência muito grande. A Mirtes tava foragida. Minha irmã (Iracema) tinha tido um menino e tava sem ir pra aula. Então, tinha pouca gente (das mulheres que costumavam fazer militância) na escola. A Ana (Maria Medeiros) tinha terminado, né? A Amélia também. Aí começavam a fazer terrorismo. Nessa época só tava eu e a Adelaide, que era de AP também. Ela era do Luís Pontes e foi pra escola (Justiniano) dar uma força.”

**DM: Havia muitas mulheres?**

**MC:** Se você for olhar, por exemplo, a revolta das saias, eram muitas mulheres. Mas era aquela situação em que, já estava na escola, aí dali fazia passeata e fazia tudo. Mas quando você partia, já para os grupos, nas organizações clandestinas e que já corriam um risco muito grande, onde já se fazia coisas clandestinas, por exemplo, pixamento... panfletagem. Aí as mulheres estavam em menor quantidade.

(Na escola) Era uma coisa tão efervescente. Se você chegasse numa sala e dissesse: “pessoal, vamos sair”, saía todo mundo (...) Quando morreu o Edson Luís, as meninas iam tudinho para as manifestações.

Eu lembro quando a gente chegava ali na Faculdade de Direito... a praça da Bandeira, ali também é histórico de juntar muito estudante da faculdade de direito. Eu lembro que a gente chegava um grupo enorme (de meninas) e o pessoal

aplaudiam. As meninas iam pras manifestações. Eu e as meninas era um grupo grande. Mas, por exemplo, nas manifestações de massa não tinha esses... (fotógrafos) para fotografar pra provar que você tava na manifestação. Geralmente, prenderam quem tava nos movimentos clandestinos... aí nesses as meninas eram minoria.

As estratégias do movimento secundarista eram menos sérias que as do movimento adulto. A polícia chegava “nós vamos varrer e limpar essa escola. Nós vamos pegar essas comunistas”. As meninas ficavam zanzando na frente deles. Aí uma delas disse “vamo fazer o seguinte: se eles entrarem - como eles eram homens e a escola era só de mulheres, né? - eu vou derrubar minha saia e dizer que era um estuprador”. Ia ser o maior auê. Mas o fato é que não entraram. As meninas ficaram cercando aí eu fui pular o muro. Tanto que depois eles aumentaram o muro. Quando fui suspensa, ficava pulando o muro e conversando com as meninas.

**DM: Quem foram as mulheres mais significativas para o exercício de sua militância?**

**MC:** Amélia (faleceu), Ana Medeiros, Mirtes Semeraro, Edna, Samara Bonavides...minhas irmãs. Nós 3 entramos juntas na JEC e na AP.

**DM: Como era ser militante e mulher, naquele contexto?**

**MC:** Não tinha problema nenhum. Não tinha a menor diferença. Não sei se é porque quando você vai, pra alguma coisa, sem se achar diminuída, se você vai, se achando igual, os outros acabam acreditando. E é. É viver como mulher, no espaço de mulher. Não se colocar diminuída.

**DM: Onde se localizavam os movimentos de resistência no qual você fez parte?**

**MC:** (JEC) às vezes a gente fazia uma reunião na arquidiocese (onde hoje é a prefeitura)...em algum ambiente religioso. A AP era uma organização fundamentalmente de estudantes, tinha alguns operários, alguns camponeses, mas a maioria era estudante. A gente dizia que era uma organização revolucionária. A gente queria mudar o que existia, então tinha que ser uma revolução. Era uma organização que queria fazer alguma coisa em prol do mundo.

Os encontros tinham que ser em local clandestino. Às vezes casa de alguém, na praia, ali nas dunas do mucuripe, barra do ceará. Às vezes a gente fazia treinamento na serra de pacatuba, aí ia de trem... a gente tentava ser feliz, dentro daquilo ali.

**DM: Que manifestações e situações de resistência foram mais significativas para você?**

**MC:** Revolta das saias, confronto dos bombeiros no CESC.

**DM: Onde era comum fazer manifestações?**

**MC:** Praça da bandeira, do ferreira, ali na Av. da universidade... Ali na praça do ferreira era menos, mas a polícia detestava que todo mundo queria fazer na praça José de Alencar porque era concentração de ônibus e o pessoal andava muito de trem. Aí tinha o pessoal dos trens e dos ônibus. Tinha aquela coisa de fazer comício relâmpago também. Geralmente eles reprimiam muito para (a gente) não ir nesses locais de concentração popular.

Quando marcava, tinha que ser lá (pça José de Alencar). Eram as passeatas proibidas. A gente sempre queria ir para onde era proibido. E pra você ver... era manifestação reprimida à bala. Era com risco mesmo.”

**DM: Onde você foi presa e onde ficou?**

**MC:** A primeira foi mais uma detenção dentro da escola, no Justiniano. No fim de 68 tinha havido o AI-5, então aumentou muito a repressão. Em 69, o movimento diminuiu muito. Em 70 tava quase acabado, aí o que a gente fazia, na escola: quando as manifestações começaram a ser muito reprimidas, uma parte dos meninos começou a fazer autodefesa e depois esses meninos se armaram e entraram nos grupos armados. Esses em específico eram do PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), tinham saído do PCB (Partido Comunista do Brasil), que não era armado. Como eu, a Adelaide... a Edna, a gente fazia a organização para os meninos eles (a PM) achava que eu era do PCBR aí por isso eles foram me interrogar.

Eu tava em sala de aula e o policial chegou para me chamar, aí a professora não quis deixar. Eu depois fui. Ainda tentei pular a janela, mas tinha um policial encostado na janela.

A própria orientadora (professora) que estava na sala tava perguntando “não tô entendendo, que é que vocês querem?”... era bem interessante porque quando tinha greve dos professores aí a gente apoiava os professores e não assistia aula dos fura-greve. Me lembro uma vez que fui pro conselho de sala... simplesmente todo o conselho ficou do meu lado. Em 72, fui presa. No 23 BC me entreguei porque eles prenderam minha irmã aí começaram a me chantagear. Porque a Helena tinha passado mais de dois anos presa em Pernambuco. A Helena tinha sido solta mais ou menos em dezembro de 71, quando foi em abril de 72 eles prenderam. Não tinha nenhuma acusação contra ela. Eles mesmo disseram “a gente só tá com ela porque a culpa é sua. Se você não falar, ninguém solta”. Aí ficavam ameaçando de torturar, só que antes diziam que se eu não me apresentasse ia ficar com ela presa. Eu me apresentei e não soltaram. Aí ficavam ameaçando e chantageando mais ainda. Ficaram com meu pai, só soltaram à noite.

Teve a delação do Telmo. Então, eu fui relacionada como sendo terrorista pela ALN. E não só eu... tava um grupo de várias pessoas daqui, de Pernambuco, de Minas, do Rio Grande do Sul. A Operação Bandeirante, que deu origem ao DOI-CODI, era um grupo móvel, como um consórcio de criminosos porque juntavam (as repressões). Quando eles tavam aqui, pegavam apoio da repressão daqui. Aí eles iam percorrendo o Brasil todo e fazendo os extermínios que queriam.

**DM: Existem músicas em especial que você lembra daquela época?**

**MC:** Acho que tem 3 músicas... tem aquela “sonhar mais um sonho impossível...” em manifestação geralmente era palavra de ordem. Porque mal começava e já tinha repressão. Eu me lembro que a gente fazia comício e tinha que ser relâmpago... porque a repressão já vinha em cima. Então, as passeatas era correndo e palavras de ordem... “abaixo a ditadura”, “abaixo o imperialismo”. “As músicas do chico buarque “apesar de você”, Geraldo Vandré... aquela do Paulo Cesar Pinheiro “quando o mundo separa uma ponte une”. Tinha várias, aí você pega algumas do Caetano, do Raul Seixas.

**DM: Você possui processos de reparação em relação ao período do regime militar?**

**MC:** Sim.

**DM: Você se orgulha deste momento de sua vida?**

**MC:** Eu acho que você acreditar numa coisa e defender e lutar até a última consequência...as pessoas se arriscavam mesmo. E acho que você vê que você sempre vai tirar lições. Por exemplo, eu acho que era uma forma de testar seus princípios, se eles eram verdadeiros, se você era capaz de lutar pelo que dizia que acreditava.”

**DM: De que maneira se comunicavam a longas distâncias?**

**MC:** Através de cartas com mensagens escondidas. As cartas eram escritas com informações banais com caneta, mas nas entrelinhas as informações importantes eram escritas com cebola. No contato com o ferro de passar, tornavam-se evidentes.

Não tinha como fazer telefonemas. Por exemplo, a Iracema tava foragida em Pernambuco, só que fui encontrar com ela em Campina Grande (PB), aí eu fui disfarçada, ia de peruca. Era uma graça, até hoje a gente brinca porque a peruca era a mesma. A Mirtes era loira, com uma peruca ruiva, E eu com cabelo escuro com a peruca ruiva. Era carta, mas muito por contato, viajando. Vinha um mensageiro, alguém que tava de um canto pra outro. Fotografia se evitava ao máximo.

**DM: Como se dava a comunicação interna nos movimentos de resistência?**

**MC:** No caso tinha as entidades. O movimento maior estudantil foi 68 e 69. Por exemplo, no caso do comício que a pessoa queria dentro da escola “os meninos tão vindo” (do Liceu) a gente sabia no boca a boca”

**DM: Quais métodos de comunicação eram utilizados para demonstrar resistência à ditadura, na cidade?**

**MC:** Panfleto, pixamento... fazia comício dentro de ônibus. Você falava rapidamente quando o ônibus parasse no sinal, aí você falava rapidamente e descia (...)Tinha que ter um certo respaldo. Geralmente fazia na avenida da universidade. Por exemplo, na época do congresso do CESC, se fazia pedágio. Que os meninos agora dessas ocupações fizeram, a gente fazia. A gente ia, parava os carros e pedia ajuda pro movimento estudantil contra a ditadura. Aí tinha um bocado de carro que ajudava.

Era mais pixamento porque fazia logo e saía. Acho que aí (cartazes) seria uma logística maior porque tem a cola... A Mirtes foi fazer um pixamento aí entupiu o spray. Ela parou pra poder olhar e foi presa. Tinha que ser muito rápido.

Nos panfletos tinha a questão do ensino público contra o acordo MEC-Usaid eai você fazia a ligação contra a ditadura e contra o imperialismo americano que tava por detrás do golpe.

**DM: Onde vocês conseguiam material?**

**MC:** O CESC era quem confeccionava as carteirinhas, então a gente tinha dinheiro. Aí no mimeógrafo já era os grupos clandestinos. Porque aí você colocava “contra a taxa”, “contra o ensino pago” é uma coisa, mas aí você já dizer “contra a ditadura”, “pelo socialismo”, aí já tinha que ser clandestino. A gente chamava “desapropriar”, aí a gente pegava o mimeógrafo e passava a ser a imprensa do movimento clandestino. O mimeógrafo foi tirado e levou para o aparelho clandestino (...) Na época a gente não fazia questão de manter memória de nada. Nem de reter nome. Se a gente fosse pra uma reunião já combinava outro nome porque se alguém ouvisse ia dizer. Dos aparelhos, eu não lembro. Faz muito tempo.

**DM: Onde ocorriam as pixações e o que tinha escrito nelas?**

**MC:** Santa Cecília, Brasil Oiticica... a parte tipo fabril. Como a gente fazia parte do movimento mais estudantil e classe média a gente sabia que não dava pra fazer (a revolução) só a gente. Aí tinha que chamar os operários, os trabalhadores. No caso dos colégios eram os muros perto, mas dentro do colégio a gente não pixava. Só uma vez depois da confusão com a Mirtes pixaram dentro da Escola Normal. Mas geralmente ninguém pixava os colégios. Ninguém via necessidade, a gente queria atingir fora. Na parte industrial ali Francisco Sá... fazer panfletagem ali no Jardim Iracema, que pegava muita fábrica pra lá. Santa Cecília se fazia pixamento... ali pro Mucuripe. Era numa região que a Mirtes foi presa justamente por lá.

“Abaixo a ditadura” e “Liberdade a (nome da pessoa presa). Preso pela ditadura (insere data)”.

A Mirtes quando foi presa tava acabando de pixar “abaixo o imperialismo”. Por que que os militares iam estar tão preocupados se tava falando mal dos americanos? Só se for vestir a carapuça.

**DM: Que instituições você considera que são significativas, tanto para a resistência quanto para a manutenção do regime, naquele período?**

**MC:** Eu acho que quem deu apoio incondicional àquela época foi a Igreja (progressista). Quando o Machado (esposo de cacau) foi sequestrado, quem deu apoio foi Dom Aluísio. Tinha o Dom Helder Câmara, aqui no colegiado de Crateús o Dom Fragozo apoiava muito. Aqui tinha o Frei Geraldo. Tinha esses padres que ajudavam muito. Os bem engajados falavam coisa em missa (contra a ditadura). Os DCEs, os grêmios estudantis... O CA (centro acadêmico) da medicina era bem atuante, o da filosofia tinha a Ruth (Cavalcante), na faculdade de direito... tanto que muitas manifestações saíam da praça da faculdade de direito. Tinham muitas lideranças da época que eram da faculdade de direito.

**DM: Que locais na cidade de Fortaleza são significativos para lembrar de sua vida naquele período?**

**MC:** Na praça da gentilândia...nesses recintos de universitário então tinha muito. Só que a gente usava mesmo sendo proibido. Principalmente o pessoal tudo bem novo não tava a fim de cumprir o que tava sendo determinado por eles (militares) não. Na UFC, à noite, quando ninguém via, o pessoal ficava fabricando bomba molotov. Tinha a química, a matemática, a física... aí tinha o CETREDE que os meninos puxavam o cabo.

O CA da arquitetura era muito atuante... tinha o Fausto Nilo. Eu ia às vezes por lá. Só que o pessoal da arquitetura era mais zen. Tanto que o Fausto Nilo, quando houve a repressão muito grande ele deu a contribuição dele como artista. O pessoal ficava naquela parte menos radical (...) O pessoal fazia festa. Aí o pessoal dizia que era a “esquerda festiva”.

**DM: Você sente que falta, em Fortaleza, elementos que representem a resistência à ditadura militar? Gostaria que existisse algo?**

**MC:** Claro. Só falta. Se você for ver o que aconteceu... eu acho que é até uma questão de história. De você tentar resgatar uma época para que esses fatos não aconteçam de novo. O que você vê no Brasil... foi feito umas comissões da verdade que só contavam meia verdade. Justiça não foi feita. Nem sequer eu considero que a memória foi toda resgatada. Então, eu acho que quem ainda tá vivo pode contar história, mas e os que estão mortos? Eu acho que os melhores filhos que o Brasil

teve foram os que doaram a vida por uma causa que acreditavam, e estão sendo sepultados junto com a memória. Então a memória tem que ser resgatada porque justiça não foi feita. Às vezes eles dizem “tem que ver os dois lados”. Dois lados como? Se existia no Brasil, um governo nacionalista que foi derrubado por interesses externos. Que não foi por conta de comunismo, como eles dizem, porque eles deram o golpe em cima de um governo nacionalista. Depois disso, as pessoas que foram contra... a insurreição... a reação por opressão é permitida por qualquer povo. O opressor dizimou índios...se você for procurar o número de mortos no araguaia falam em 63... só que foram mais de 200. Tem os que simplesmente ficaram invisíveis. O pessoal mais pobre ficou invisível.

**DM: Como você se sente ao lembrar que Fortaleza, de certo modo, homenageia ditadores e colaboradores da ditadura militar?**

**MC:** Termino sempre olhando e tendo esperança. Quando vi aqueles meninos (secundaristas de 2016) naquelas ocupações, parecia que eu tava vendo que os meninos estavam revivendo neles. Porque, de qualquer forma, é parecido. Eles também eram bem jovens. Resta ter esperança.

**DM: Que imagem você acha que a sociedade tem sobre as mulheres que se opuseram à ditadura? E naquela época?**

**MC:** Eu acho que muita gente talvez não saiba. Só que eu acho que a pessoa tem que fazer o que acha que é certo e o que deve. Você não vai fazer pra procurar reconhecimento. Você tem que fazer alguma coisa pra construir algo bom. Contanto que o resultado seja bom”

**DM: Hoje, o que você diria, para mulheres que sentem-se engajadas politicamente?**

**MC:** Só em você tá levantando um tema desses é porque tá com boa vontade de mudar alguma coisa. É a questão da ideia, ela não morreu. Ela se reproduz.”

**DM: Se você pudesse deixar uma mensagem fixa, na cidade de Fortaleza, sobre o período da ditadura militar, o que você diria?**

**MC:** A generosidade foi praticada em todas as consequências. Esses que morreram... se eles não tivessem se metido numa luta desigual, eles teriam um grande futuro. E abriram mão de tudo só porque eram extremamente generosos. O que queriam os que morreram, e também o que sobreviveram? Um mundo mais justo, contra a opressão, por liberdade, por justiça, por igualdade. Ia até dizer “fraternidade” ai vai ficar parecido com a revolução francesa” (risos). Acho que, pelo menos, resgatar as ideias do que aconteceu naquela época. Você pode até matar a pessoa, mas a ideia não mata.

Aquela historia de “Brasil acima de tudo”, os caras, quando eu tava presa, ficavam berrando. Chega marca a hipocrisia deles. Porque se sabe que por trás do “Brasil acima de tudo” tinha os interesses externos. Que coisa mais hipócrita. Num parece com agora? Lá foi um golpe militar e agora foi um golpe do judiciário com o parlamento para defender interesse externo, quer dizer, a motivação foi a mesma.

## APÊNDICE B

### **Mirtes**

#### **Conversa com Mirtes Semaro.**

**Realizada dia 26 de Agosto de 2016.**

**Este documento é uma transcrição de áudio em texto e conversas via Whatsapp.**

**MS:** Eu vou falar da minha experiência, mas na verdade, eu acho que é mesmo uma gotinha d'água no oceano. E não acredito sinceramente que haja no ponto de vista oficial, nem no ponto de vista do que está posto, nenhum interesse político sério de que aquele tempo efetivamente venha a ser resgatado. Eu acredito, sobretudo que há um interesse de que as coisas venham a ser abafadas, truncadas e o que é mais triste: muito daqueles que protagonizaram o que se chama de libertário ou perspectivas de constituição de um novo mundo e de um combate àquela situação que vivíamos, não que tenham tido uma atitude capitulacionista, mas efetivamente, a um termo tímido que reserva a todo esse momento histórico uma situação que eu considero ainda profundamente truncada. Essa é a primeira questão.

Quanto ao tempo da gente foi um tempo, curiosamente, de muita felicidade. Nós éramos muito felizes com as escolhas e com o tipo de relacionamento que tínhamos entre nós, com a sociedade, e essa história foi enfrentada em termos de muita solidariedade e fraternidade entre nós. Nós éramos de um grupo, eu fui do mesmo grupo político da cacau, nós éramos de um grupo que tinha uma formação originalmente cristã, que depois foi se alterando esse campo de visão e era muito interessante porque nós vestíamos minissaias curtíssimas, tínhamos uma atitude muito tranquila e nem atentávamos muito bem para os sentidos políticos de questões como a emancipação feminina ou a conduta feminina porque, de fato, nós lidávamos com isso com tanta naturalidade.

Muitas pessoas passam por aqui e perguntam como era a questão do feminino e do masculino e eu não sei se porque nós encorporávamos posturas que incorporavam posturas de valores muito abertos ou se porque a questão do combate à ditadura fosse tão absolutamente intenso que ofuscava a nossa visão sobre esses temas, mas, de fato, havia uma formação intelectual muito sólida naquele tempo. Era uma geração, por exemplo, no Justiniano de Serpa, que lia Simone de Beauvoir, que lia muito. Todo mundo conversava. Tem umas coisas curiosas... o banheiro da escola, que fedia que era um horror, era um lugar de debates políticos. Era interessantíssimo. E as meninas fumavam - que era um traço fabuloso de transgressão porque era proibido fumar e todo mundo fumava - e conversava. E foram se constituindo lideranças, de várias lutas, no movimento secundarista.

Numa certa maneira nós acompanhávamos as grandes demandas políticas e sociais que aconteciam, mas por exemplo, a questão da relação com o masculino: a gente não tinha uma atitude programada, nem de você colocar os homens no canto da parede, até porque havia entre nós um sentimento de tamanha igualdade que não havia o que se conversar porque era tão natural como por exemplo acordar, comer.

As roupas além de serem curtíssimas, nós tínhamos umas coisas muito curiosas, a nossa organização especificamente tinha uma espécie de voto de pobreza. Então, nós andávamos precariamente vestidas, usávamos roupas muito

malamanhadas. Quando a gente entrava em contato com o pessoal das fábricas, elas faziam cotas para nós comprarmos roupas. As operárias eram tão arrumadas e nós, que éramos garotas de classe média, apresentávamos uma indumentária tão absolutamente simples. E nós tínhamos uma atitude muito forte no que tange essa questão do desapego ao dinheiro muito grande.

Na casa da cacau, tinha uma gaveta em que as pessoas colocavam todo o dinheiro que ganhavam lá. Não tinha nome de quem colocou (o dinheiro)... (a pessoa que colocava) não se manifestava e também quem tirava, não se manifestava. Tudo o que as pessoas tinham, em termos financeiros, se colocava na gaveta, e tudo o que todo mundo precisava era tirado de lá. Essa gaveta, eu achava uma marca muito forte mesmo. Porque ela vivia semi-aberta... as pessoas ganhavam e enfiavam o dinheiro dentro. Isso na família da cacau. E o engraçado é que as pessoas que se integravam na família, por exemplo, os namorados, os noivos, passavam a exercer esse tipo de coisa. Me lembro certa vez o Fonseca botando dinheiro dentro - que é o marido da Iracema.

Foi um período que não consegui, apesar de todos os horrores, não consegui embotar a nossa felicidade. Eu acho que porque a gente tinha um ingênua crença de que, de fato, nós iríamos mudar o mundo.

Às vezes, se deparava com questionamento de fundo que era “Meu Deus, quando a gente tomar o poder, o que é que a gente vai fazer?” mas não tinha só esse lado romântico, existia um lado brabo da história que era o fato de que nós líamos muito, estudávamos muito. Aquela literatura ligada aos pilares dos grandes movimento revolucionários como também a literatura de um modo geral...de um modo geral éramos pessoas que vivíamos em atividade. Era o pão de cada dia. A gente acordava pensando na revolução, pensando em destituir aquele poder, pensando em arregimentar a população para uma causa que a gente tinha certeza que era pra lá de justa. E nós sentíamos, de fato, aqui especificamente, um amparo por parte da população. Nós nos sentíamos profundamente acolhidas. Nós transitávamos pelas ruas do centro da cidade, em passeatas, em manifestações, e as pessoas nos acolhiam muito bem. Praticamente toda noite a gente estava em gritaria fazendo, entre aspas, baderna. E havia um acolhimento imenso das pessoas, tipos populares que viviam nas praças ou que transitavam pela cidade ou que eram trabalhadores dos mercados eram as pessoas que a gente sinceramente via como uma projeção de família. Porque eram pessoas que nos acolhiam quando a polícia vinha, nos escondia.

E a gente era, vamos dizer, as velhas da história...com 15...16 anos e aqui, esse sentimento começou muito cedo. Isso daí eu digo no tempo auge da ditadura, em 68, depois no segundo semestre com o AI-5. Antes disso mesmo a gente já tinha toda uma efervescência política, que no Justiniano de Serpa, foi manifestada sempre através de um conselho de representantes que tinha a representação de uma líder de cada turma. Essa história começou a ser mexida - você veja que até as diretoras mais convencionais, mais tradicionais e ditas de direita respeitavam muito a nossa dinâmica. Eram pessoas que, como educadoras, elas tinham a habilidade de lidar bem com a nossa empolgação. E, curioso, que pessoas hoje que são postas como baluartes da democracia foram pessoas que efetivamente tiveram condutas das mais absurdas... eu tô me referindo a Adísia Sá, que foi diretora do Justiniano de Serpa e que estabeleceu um termo de perseguição tão grande à dinâmica da escola, das lutas e era uma pessoa que recebia claramente a polícia federal, aqueles homens enormes e ela garbosamente caminhando pela escola com eles.

(ela) Se coloca como a grande democrata porque ela - palavras dela - fundou um grêmio estudantil. Ela como diretora. Um organismo que tinha por objetivo o controle e o atrelamento das alunas às vontades dela... e a vaidade até doentia. Entretanto, nós já tínhamos uma representação fortíssima que não precisava de jeito nenhum ter um grêmio. Porque era só uma questão de nome. Curioso é que o nome do grêmio era o nome dela. Para as meninas da manhã, ela dizia que as meninas da tarde queriam que o grêmio chamasse Adísia Sá, e para as meninas da tarde, ela dizia que as da manhã e da noite, queriam que o grêmio chamasse Adísia Sá. Era uma pessoa doentamente personalista, opressora e perigosa porque recebia a polícia federal. Chegou a cobrar taxas - que era uma das grandes bandeiras de luta, naquela época, era a questão do ensino gratuito, de qualidade e inclusive em oposição a projeto MEC - USAID - e ela simplesmente chegou ao desplante, a grande democrata e revolucionária, de cobrar taxas quando ela percebeu a nossa presença, recuou, mas mesmo assim quando iniciou o ano de 1968, ela disse, sem dar nome aos bois, que havia um dinheiro das alunas. Dependendo da vontade dela, ela chamava esse dinheiro do grêmio ou dinheiro das alunas.

Na verdade, era um dinheiro cuja procedência se deu através da cobrança de taxas. Ela pegava esse dinheiro, comprava materiais vários, coisas que caberiam as verbas do Justiniano de Serpa suprir e não consultava as alunas. Tomava atitudes arbitrárias. Quando ela percebeu que as efervescências políticas das alunas estavam radicalizando, nas participações no movimento estudantil como um todo, ela pegou todo o dinheiro das alunas e comprou de materiais do tipo: bolinha de ping-pong, bolinha de vôlei, rede. Era bolinha de ping-pong pra dar de montão. Acabou o dinheiro de tanta coisa que essa senhora comprou.

Nós iríamos consultar as alunas, primeiro denunciar - que é o mais grave, ela não queria - a procedência absurda do dinheiro... o fato de ela ter cobrado taxas. E, segundo, que as alunas definissem, democraticamente o que deveria ser feito do dinheiro, que não era do grêmio. O grêmio não cobrava taxas. E ela fala desse dinheiro, às vezes até em entrevistas recentes, só não diz a procedência dele.

Quando ela fez isso, nós reunimos a representação do grêmio. Esse grêmio que ela lançou, eu me lancei com uma chapa de colegas, todas elas muito interessantes. Era com a Samara Bonavides, médica hoje. Teve um pai, como o meu, revolucionário, foi barbaramente torturado e o meu pai também foi perseguido. Tanto que saímos do RJ. Papai era do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Foi secretário do PSB ligado ao João Mangabeira... eu tinha tios que eram ligados ao sindicato da Petrobrás. O papai, curiosamente, era colega da Adísia Sá, no departamento de sociologia. O papai fazia um jogo duplo. Apavorado e assustado com a sanha dela, me colocava na condição de uma jovem profundamente indisciplinada. Chegou a dizer que eu admirava muito ela, com medo que ela fizesse alguma coisa. Pra tirar a coisa do elemento político. A minha mãe achava que ele devia partir pro "cacete" frontal, mas ele tinha receio do que podia acontecer e não era um receio gratuito. E aconteceu.

Nós entramos na sala dela "Boa tarde, Adísia. Nós viemos aqui para saber do dinheiro das alunas que está no cofre do grêmio". Ela tacou a mão na mesa, disse que gastou e tava muito bem gastado. Eu disse "roubou e foi muito mal roubado". Porque pobre que rouba é ladrão e rico que rouba é barão. Ai ela "considere-se expulsa", eu digo "você também. E pode saber que será denunciada a toda a cidade através da gente, através dos órgãos de representação estudantil diante do papel que você está exercendo agora". "Saia daqui" ela disse, gritando. Ela diz em várias entrevistas que graças a deus ela era baixinha senão tinha virado a mão na minha

cara. Você imagina uma educadora falar nesses termos. Eu tenho essa fita aqui. A partir daí, foi uma convulsão enorme, a revolta das saias. Eai ela trunca miseravelmente a história porque havia 3 turnos no Justiniano de Serpa, cada turno tinha uma presidente de grêmio, e tinha uma presidente, que na época era presidente da noite, que exercia o papel de presidente geral. Acontece, entretanto, que ela inventou por um fato truncado que as alunas da manhã a aprovavam, o que não é verdade. A cacau estudava pela manhã, e assim como os outros turnos, ela (Adísia) não podia nem entrar na escola porque as alunas saíam das turmas e gritavam “abaixo a Adísia Sá” e as palavras de ordem todas que nós nos apoiávamos para combatê-la. Isso aconteceu por um fato muito engraçado. Um grupo de meninas foi ao jornal O Povo - que é o jornal, parece, onde ela trabalhava, onde ela tinha ligações - e foi pra denunciar a situação. Inclusive ela relata isso à polícia. Porque ela fez um relatório à polícia me entregando. Uma jornalista diz assim “eai, Adísia, as meninas estão aqui, o que eu faço?” isso ela diz no relatório, só que no jornal (impresso) é que sai como se estas meninas, inclusive a cacau, estivesse por lá dando solidariedade a ela. A cacau até hoje é furiosa. Fora a questão do assédio que chega as raias de um assédio mais brabo porque ela chegou pra cacau e disse “você está de sutiã?” e apalpou, a cacau foi apalpada. Todo mundo tinha que andar de sutiã, na cabeça dela. Nós tínhamos essa questão de não usar o sutiã sim. Acho que a gente não gostava de usar sutiã. A gente andava de peito mesmo e com a roupa. A gente não usava muito sutiã naquele tempo. Usava biquini muito cavado... a gente era assim.

Com relação às relações com os meninos, éramos curiosamente muito direitinhas (tô falando de um determinado grupo político, que era o meu). Era engraçado que era relação mesmo de irmãos, era uma coisa bem fraterna. Agora nessa história de irmãos, era curioso, tinha um certo moralismo da nossa parte. Esse moralismo ele se configurava onde: a maioria era virgem, e os meninos, em reunião, diziam na maior seriedade: “companheiras, é um grande risco vocês serem virgens. Nós temos que discutir que é importante vocês terem relacionamento com os companheiros para não irem pra cadeia virgem senão a coisa fica fica pior.”. Se você pensa que eles falavam esse tipo de coisa na safadagem ou na sem vergonhice, não era. É porque eles acreditavam piamente que uma menina virgem... o caso, quando a cacau foi presa ela era virgem...era um pavor enorme sofrer uma defloração num estado de tortura, coisa que quase aconteceu. Não aconteceu porque o doido lá olhou - cacau era lindíssima - viu o rosto dela e se lembrou da filha e tirou os caras. Mais de 30 homens saíram de cima dela. Ela foi brutalmente torturada.

A cacau deve ter te mostrado as imagens das grandes passeatas daquele tempo. Ela (Adísia) não suportou ficar na escola. Até hoje, a versão que ela dá, é que estavam conspirando contra ela, que era uma coisa do sistema. O que não era. O sistema tava furioso com a incapacidade dela de deter a rebeldia das alunas que não se conformavam. Aí ela sai, no dia seguinte, a minha casa é invadida às 5hr da manhã. A minha casa era tomada pela polícia federal. Minha casa era na 13 de Maio, de esquina. Eu estava de babydoll preto. Dormia pelada. Excepcionalmente naquele dia, eu tava de babydoll. A mamãe tava pensando em colocar grades nas janelas, coisas que ela não tinha feito ainda. E eu saltei pela janela, pulei muros, que até hoje não sei como. Na sexta ou na sétima casa me deparo com primos meus, amigos, queridos e primos históricos. Um casal tinham bem 8 filhos. E a mãezinha dele, que já era habituada com esse metiê porque o marido era do partidão, e aí eles me viram:

- Prima o que é isso?
- O que é isso que a polícia está no meu encalço. Esses infames.
- Ah, você não vai continuar correndo pela rua, não, você vai entrar.
- Olhe, se vocês forem presos, eles matam.
- Mas você não vai ficar na rua.

Havia na casa, um sótão, neste sótão, havia uma caixa d'água que, vindo de cima era inteiriça, mas embaixo tinha uma vazada. Bem a contento, do tamanho do meu corpo porque eu era bem magrinha. Eu tinha que ficar lá preta e dura porque todas as casas foram destelhadas e eles ainda pediam para entrar. Era o quarteirão inteiro cercado de homens armados...parecia uma praça de guerra. E eu, uma menina, tinha 16 anos em 1968. Foi só ela sair da escola que a polícia invade a minha casa, no dia seguinte. Não tem relação nenhuma?

Essa senhorazinha, bastante capciosa, servindo café aos policiais:

- O que é isso, um bandido perigoso? Ô moço, um cafezinho.
- Não. É uma perigosa subversiva - E ela se fazendo:
- Que horror.
- A gente quer subir.
- Pois não.

Aí chamou o menino:

- Meu filho, pegue a escada pros homens subirem.

Aí botou a escada.

- Não, meu filho, va lá, desligue essa chave geral porque da última vez que o electricista veio disse que tinha muito fio, capaz de estar dando choque de alta tensão.

E eles:

- Não, não, a gente não vai subir não.

Ela não era pouco inteligente não porque numa situação dessas... aquela cabecinha branca... maior tranquilidade. Eu passei vários dias lá. Chega o irmão dele, que era um empresário, com um carro, esses rabo de peixe, com a babá uniformizada cabelinho de peruca preta comprida, um nenezinho no colo, ele e a mulher. Descem, passam um tempo como se estivessem fazendo visita, e sai a Mirtes vestida com a roupa da babá com o nenezinho no colo e vai embora. No outro bairro, vou pra casa de uma prima também muito querida, papai já estava organizado com um aluno (que morreu há pouco tempo, juiz de direito) a esposa dele - hoje é uma senhora, nós continuamos com laços de amizade - eles me levam a Juazeiro da Bahia, eu fico lá e de lá vou pra Salvador e fujo daqui. É inacreditável.

O que me entristece profundamente, o que muitas vezes eu digo a cacau, brincando, é que eu não confio em ninguém com mais de 30 anos. Parece que as pessoas perdem aquele vigor, aquele brilho no olho. No sentido de manterem as suas dignidades, as suas ideias.

Aí você vê um capitulacionismo vergonhoso. Veja que, recentemente, num tem nem 5 anos, eu fiz um trabalho grafoscópico, com o maior grafoscopista do nordeste - foi muito caro - para que ele dissesse se aquela era ou não a assinatura da Adísia Sá, através dos documentos da expulsão, e a constatação final é de que é. Eu fui lá (no Arquivo Público) peguei o documento, mas todos os nomes, exceto o meu, foram tarjados. O nome dela não aparece. Ela conta a história toda, me esculhamba inteiramente, bota os documentos do CESC, que era a representação estudantil, mas é tudo tarjado. Eu quero voltar lá, para saber agora com as novas leis, se eles tão liberando. E a grande questão que levanto, em vários lugares que tenho falado, é que eu gostaria de ver a valentia desta senhora, indo ao Arquivo

(Público) pedindo os documentos que tenham o nome dela do período da ditadura militar. E ela então negue que aquele documento, aquela assinatura não era dela. Aí o que acontece é que esse senhor (Mário Albuquerque), que era nesse tempo presidente da Comissão de Anistia, a entidade, além de não me dar informação sobre isso - que era um dever dele, assim que me viu, anos e anos - “olha, Mirtes, tem uma pessoa do arquivo público, que disse isso, isso” - ele (Mário) foi preso político...ele anistiou um dos indivíduos que torturou a cacau, o Telmo, que recebeu 30 mil reais pelas mãos dele. O advogado dele era o Pedro Albuquerque, irmão dele (Mário). Queriam inclusive prestar homenagens...ainda que eles afirmassem que a anistia era pra contemplar todos os lados eu ainda entenderia... Tentaram anistiá-lo nacionalmente, mas aí foi feita uma campanha muito forte, um abaixo assinado, a cacau se posicionando, ele não conseguiu.

Ele (Mário) chegou ao sindicato dos jornalistas e disse que meu único interesse nessa história toda era ganhar dinheiro. Num processo de difamação vergonhoso. Ele defende a Adísia Sá, diz “essa história da Adísia Sá deixa pra lá”. Ela pode ser uma pessoa poderosa pra qualquer um, menos pra mim. Inclusive é uma pessoa que se disser “vamos conversar” eu não vou. Porque o momento histórico dela já passou.

Passou no momento em que ela reuniu todas as alunas do justiniano de serpa, no pátio, pra dizer o que tinha acontecido e nós chegamos lá, junto com o CESC, (Mirtes) “Adísia, já que a senhora vai falar e acusar, a senhora tem que dar o direito de palavra a nós, a mim especificamente que estou sendo expulsa. Eu quero dizer a minha verdade para as alunas”. Ai chega a secretária dela, a Nair, ela sai vai pra junto das meninas no alto da escada e a Nair diz “saíam que a Adísia já mandou chamar a polícia”. Quando ela disse isso, nós saímos, mas para dentro. Invadimos a escola. Os meninos seguraram na minha cintura, o cacete comeu, nós entramos a polícia entrou junta, eu no meio da multidão, chegamos logo na bofetada. Ela rolou escada abaixo, o microfone foi tirado da mão dela, bravamente a Samara falou e segurou a barra com muita valentia. E eu no meio da multidão e a polícia querendo me pegar. Consegui sair pelos muros porque as meninas me jogaram e havia um grupo de alunos esperando do lado de fora. Neste grupo, o Mário disse que estava, não me lembro. Ele pode até ter estado, mas não me lembro. Isso foi antes da polícia invadir minha casa. Foi quando começou a revolta das saias. A revolta não foi um dia. Tem artigos de jornalistas dizendo que aquela questão estava se estendendo demais. Que era preciso sair uma resposta democrática aos estudantes, num sei que lá. Foi um longo período. Foram muitas, muitas manifestações.

Inclusive, a grande democrata, Adísia Sá, e revolucionária tudo mais que queiram dizer, ainda teve a honra e o mérito de ser a precursora do gás lacrimogêneo com os policiais todos cercando a escola, para que não acontecesse uma das grandes mobilizações. Com gás lacrimogêneo para ser inaugurado. Só que eles estavam lá. A matéria do jornal que diz isso, não sou eu. Dizendo que a polícia ficou lá e eles não puderam usar lá. Isso foi em 68. Ela faz um jogo sórdido, chega ao cúmulo de escrever livros. Por exemplo, se a gente falasse ditadura militar, ela olhava pra gente faiscando de ódio. Não podia se falar em ditadura. E ela faz livros falando de um indivíduo que volta ao CH para ver a ditadura, ou seja, ela durante a vida dela toda constituiu uma situação laranja, onde ela pudesse livrar a cara dela de real pessoa que compactuou com a ditadura militar através dos seus órgãos de repressão e, pra completar, ainda tem agravante de ela não ter até hoje a dignidade de revisar essa questão.

Recentemente, não faz muito tempo, não tem nem 10 anos, num programa chamado Memória Viva, o Rui Lima, um jornalista - que antes eu fui lá e o cara praticamente me expulsou quando eu contei a história, porque “ela era uma das donas do conselho do O Povo” e eu “eu estou apenas querendo informar uma verdade histórica que ela era uma pessoa colaboradora da ditadura militar e há documentos que comprovam isso” - e ele depois caiu como um patinho, porque depois que eu fui lá, ele todo garboso, ele achando que tava fazendo uma coisa brilhante, organiza um programa com ela, e faz a pergunta que eu ainda não tinha ouvido ela responder. (ela) já tinha falado sobre o episódio do justiniano de serpa, mas não sobre isso. Veja bem:

- É verdade que a senhora expulsou, no justiniano de serpa, uma aluna e que a entregou à polícia?

Aí ela cai como um pato, o que ela diz “a primeira parte é verdadeira, a segunda, não é verdade” aí diz lá a versão dela de horror. Aí ela, oficialmente para todo mundo ver, o programa tá registrado, várias pessoas da cidade foram entrevistadas por ele. E ele faz a pergunta que eu desejava que alguém fizesse, e que nunca antes foi feita. O curioso, em relação a cegueira... cegueira meio saramaguiana, se é que se pode chamar assim, é que ela faz um programa se enaltecendo como grande baluarte disso, com todos os coronéis do tempo da ditadura militar. Ela sendo elogiada por eles, ela participando de festas na casa do César Cals, e ela alardeia “o verdadeiro jornalista não frequenta casas de jornalista, nem tem relação para ter isenção”. É nesse nível que as coisas acontecem.

#### **D.M - Como vocês se comunicavam dentro da Ação Popular (AP)?**

**MS:** Tinham os encontros, as reuniões de células, tinham os pontos - que eram os lugares das cidades onde nos encontrávamos uns com os outros. Nas praças, nos pontos de ônibus, nas igrejas. Por exemplo, a praça do carmo, a praça do liceu, a José de Alencar, as partes mais periféricas... Barra do Ceará... se encontrava em todos os lugares na cidade. À noite a gente fazia panfletagem nos bairros populares, no bairros operários, os bairros das grandes fábricas. Aquelas fábricas de castanha todas, ali naquelas periferias todas... agora você não pode me perguntar muito nome porque não sei dizer. Conheço a cidade toda, sei andar tudo, sei os lugares principais, mas a gente tinha um bloqueio, eu herdei um bloqueio que a gente não tinha que saber muito onde tava. A gente não tinha nome de pessoas, nem tinha nome de lugares, nós tínhamos dois tipos de nome: quem sabia os nossos nomes eram as pessoas que participavam dos movimentos conosco, mas as pessoas de outro lugar, não sabiam nosso nome. Nós tínhamos os chamado nomes frios. Então eu era a Benedita. Cada uma tinha um nome frio e era assim que acontecia. Então havia os encontros estaduais, os encontros municipais, os encontros nacionais... havia o comitê central, esse comitê central tinha comissões de apoio, que eram comissões de organização, que pegavam infraestrutura, comissão de agitação e propaganda, então, eram bases de suporte, né. E muito tenra, depois que fui expulsa, passei a ser dirigente regional de Ação Popular, mas eu era muito menina pra uma coisa dessas. Depois eu comecei a fazer viagens nacionais, fiquei trabalhando junto a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), me tornei diretora nacional da UBES, aí depois, era uma situação de derrocada pela repressão de Ação Popular, aí eu compunha uma das comissões nacionais de Ação Popular, atuava junto com o comitê central, que era a comissão de agitação e propaganda. Aí eu viajei pelo Brasil inteiro.

**D.M - A agitação e propaganda, o que é que era?**

**MS:** Por exemplo, tinha o material de propaganda que eram os panfletos, os jornais, os documentos. Cada um tinha um foco. O que acontecia conjunturalmente, o que acontecia episodicamente por fatos marcantes, o que acontecia como elemento de formação política, que eram documentos que normalmente se acoplavam à referências bibliográficas, né. E, a partir daí, seminários ou até congressos, onde determinados temas relacionados à questão da formação política eram feitos. Isso acontecia em todo o Brasil.

**D.M - A senhora tem esse material?**

**MS:** A gente rasgava tudo. Distribuía e rasgava. Quando um aparelho era pego com esse material era um horror.

**D.M - indagação sobre os “aparelhos” e a questão do esquecimento proposital.**

**MS:** Tinha que esquecer (os locais) porque na hora da tortura você tinha menos coisa a serem ditas. Nós íamos para a Barra do Ceará, atravessávamos de canoa para a ilha e lá e fazíamos reuniões lá no mato. Eai também havia pessoas do povo que cediam a casa para que nós nos reuníssemos. Tem um médico, otorrinolaringologista, cujo pai, a casa ficava ali perto da praça das televisões (praça da imprensa), o pai, que é professor universitário, a mãe dele também, ele cedia a casa. Nós passamos a noite reunidos lá, às vezes alguns dormiam lá no aparelho de reunião. Não era um aparelho, era uma casa que tinha só o objetivo de uma reunião, depois ia todo mundo embora, né. Eai também eram diversos os níveis de participação. Havia pessoas que estavam na linha de frente e havia pessoas que respaldavam a nossa ação. Algumas contribuíam financeiramente, outras contribuíam dando alimentação para os revolucionários ou hospedagem. Então, a forma de participação modificava muito. Eu, particularmente, reputo uma importância imensa a essa (estrutura) porque eram pessoas diferente da gente porque elas estavam plenamente integradas à sociedade, e nós, em grande número, já estávamos à margem por conta da clandestinidade que o regime nos impôs. E eu tenho uma posição que sempre reivindico, e como parece que o objetivo é realmente não atingir a verdade, que eu acho que essas pessoas deveriam ter um papel muito importante e serem escutadas, entrevistadas com seus diversos depoimentos. Porque a verdade, nua e crua, é que muitas dessas pessoas estão morrendo. Assim como nós estamos ficando velhos, eai? O drama é quem é que vai contar as histórias, né? Eai eu acho que o que de mais grave que aconteceu, é que essa história não é uma página virada e não se tem um interesse político de virá-la, porque você veja, nenhum dos governos que aconteceram após a ditadura militar teve o interesse de responsabilizar os estados unidos pelo golpe que todo mundo historicamente sabe que era a operação Condor assentando as bases dos EUA nos países da América Latina. A Argentina fez isso. Por que é que nada é cobrado dos EUA e eles passam como grande baluarte da democracia sem ter de se retratar diante de nada? E por que que os regimes tipo Lula, Dilma... porque o Lula, eu não tenho dúvida, ele é um fiasco. E eu faço uma crítica muito severa e sou opositorista e insequente porque não me disponho mais a morrer por essa raça ordinária. Eu tive morando em Santo André, dentro das grandes greves, né, e era um indivíduo que simplesmente que comia na mão dos patrões, feiamente. Nos momentos fundamentais, quem acabava ditando as greves eram os patrões em função de interesses ligados aos dissídios coletivos, né, e ele cumpria à risca.

A questão da anistia que foi uma lei em que a dor e a aflição daqueles tempos ainda estava muito latente e se quis fazer as coisas nos termos possíveis, mas que depois essas coisas não foram revistas. Você vê que a posição da Dilma é muito clara. Ela acha que acha que não tem que mexer na questão da anistia.

**D.M: Você foi presa pixando, como foi?**

**MS:** Esse pixamento foi quando o Rockefeller veio ao Brasil. Então, nós estávamos naquela avenida lá da praia do futuro, uma grandona... pixando. Éramos eu, Paulo Verlaine e Toninho. E eu pixava e os dois faziam a vigilância em cada esquina. Não sei o que houve que a polícia chegou e levou os 3 embaixo de armas. Acontece que o Toninho tava um pouco atrás, e o Verlaine - que hoje é jornalista e tudo - era mais parrudo, ele foi pego o cara com o revólver nele. O Toninho correu, eu poderia ter corrido, mas eu não tive coragem por causa do Verlaine. Fiquei sem querer deixá-lo sozinho, sabe? Então, nesse tempo eu era menor, eu passei mais de um mês na Polícia Federal, fomos levados pro DOPS. Minha mãe grávida do meu último irmão. E aí eles montaram uma rede de pessoas da universidade, amigos de papai...ninguém saía da polícia federal, mesmo que não pudesse me visitar. Isso eu menor de idade. Era uma efervescência enorme. Tinha 16 anos, já foi um pouco mais tarde, em 69. Eu voltava aqui, voltava clandestina, mas voltava. E quando eu voltava eu participava das ações. Mesmo com a polícia no encalço. A documentação (da prisão) prova isso. Todas essas irregularidades, que inclusive o senhor Mário tem ciência, eu abri o meu processo da anistia em São Paulo... me mandaram. São mais de 300 páginas ligadas a todos os lugares do Brasil dos quais eu passei. Envolve, Paraíba, Bahia, Recife... Rio de Janeiro, São Paulo...Rio Grande do Sul...e vai por aí afora. Então são marcas de toda a participação política que eu tive. A comissão da Anistia teve aqui para contemplar alguns dos companheiros perseguidos e ele (Mário) falou nada, disse nada como se nada existisse. E depois veio me dar satisfações, nos seguintes termos: “é, companheira, é porque tem muitos companheiros que tão aí, amigos há anos esperando”, e eu “mas eu não pedi nada pra você não, viu, Mario? Não se preocupe não que não pedi absolutamente nada pra você”. Mas esse é o tipo da coisa que ninguém precisa pedir. O papel dele impõe uma postura, né. E deixou a Comissão ir embora sem nada ter feito. Nada. Tive minhas pernas queimadas... Eai foi quando eu fui pra casa da Terezinha Azermínio e o marido dela também Samuel Pessoa - um dos maiores cientistas do mundo, bacteriologista e foi o cara que viajou para a Coreia a convite da China com um grupo de cientistas do mundo todo para constatar a guerra bacteriológica que os EUA promoveram na Coreia do Norte. Então, você hoje vê o pessoal da Coreia do Norte “doido, isso e aquilo” mas você nem sabe o fundamento disso. Ele trás as fotos do obuses contaminados por cólera, as ostras, rato com pestes jogadas na cidade, águas contaminadas. É um horror.

**D.M: 68 foi então um ano muito importante, né?**

**MS:** Eles chamam de ano orgástico, os cientistas sociais. As tensões sociais, os dramas todos explodem e vão ao orgasmo, né. Na história há vários anos orgásticos. 1968 é considerado um deles.

A gente se trepava nos postes para fazer comícios. Era uma prática. Todo mundo trepado nos postes. Os postes tinham um dentezinho e aí nesse dente a gente ficava grudado lá e falando pra criar um nível (sonoro) mais alto que a maioria das pessoas.

Sinceramente, eu queria, hoje ter a confiança que a cacau tem...não consigo mais. Em termos pilares, as minhas convicções são as mesmas, mas eu me sinto profundamente traída pela história, profundamente. Não eu, a minha pessoa, mas todo esse legado que a gente construiu às duras penas...assim, com muito sangue, muito suor, muitas mortes, muitas torturas e principalmente, com espírito assim inquebrável. Quando eu vejo hoje, tenho vontade de rir pra não chorar. Eu acho um verdadeiro fiasco. Não consigo assim...enxergar verdade. Consigo assim, quando vejo vocês, que estão na universidade, tentando resgatar as coisas com seus corações, suas mentes abertas para ouvir sem preconceitos. Mas, infelizmente, uma grande, grande, grande parte daquele tempo tá absolutamente contaminada. É um horror. A grande parte. Tipo assim, você quer ver o Mário “porque a esquerda...” e quem era a esquerda senão nós? E nós não éramos a esquerda? Sabe... eu tô renegando aquilo que eu fui... ou foram histórias mal vividas - porque eu não tenho como avaliar o que passa por cada um - ou então eu acho que as pessoas acabam cumprindo aquela história que é um tanto quanto estereotipada de que quando voce é jovem você tem que ser comunista, tem que ter ideais, mas que isso daí é curricular, mas que depois é hora de vida real. Assim, como se o capitalismo fosse o futuro e o socialismo fosse a grande peste. Assim como, se do ponto de vista da história, a perspectiva não fosse o socialismo, como substituição pras chagas e os horrores do capitalismo. Só que o trato ao socialismo, no sentido essencial, pelas manifestações de todo mundo, efetivamente não tá em bons termos. Eu não acho que as experiências vividas pelo socialismo, a não ser, por exemplo, pelas grandes conquistas revolucionárias, das grandes revoluções, mas depois o que foi sedimentado efetivamente sofreu muitas distorções e o estudo, a prática de avaliar essa história toda na perspectiva da superação do capitalismo é um investimento que vem acontecendo muito pouco. E eu acho que hoje há uma bagagem que você tem condições de conjugar a contemporaneidade com esses pilares, né? Das grandes teorias revolucionárias. Também pela experiência do socialismo no mundo e buscar superar aquilo que efetivamente foi estremecido. Eu digo “cacau, eu lamento profundamente, eu não vou levar porrada de jeito nenhum por causa...” Porque eu acho que é uma coisa até um tanto quanto esquizóide. Eu acho que, por exemplo, os impostores, eles vão nessa maré que é justa, as irregularidades, dos horrores democráticos postos, pra salvar suas peles em cima de práticas que eles pseudo-execravam quando se candidataram. Eles entraram na dita maracutaia que o Lula falava, plenamente. Eles se aliaram ao que há de mais torpe. Eles priorizaram os campos institucionais e efetivamente a grita e o compasso dos movimentos sociais, das manifestações, das grandes bandeiras foi rigorosamente deixado de lado.

**D.M: Como você se sentiu vendo os secundaristas?**

**MS:** Duas coisas me alegraram muito: os black blocs, porque eu me considero uma black block. Total. Eu só não sou uma black bloc em exercício porque eu já tenho 60 anos. Eu não tenho mais esse vigor. Mas aquilo dali foi assim puro sentimento diante do engodo do capitalismo, das instituições, de tudo. E os secundaristas realmente são tudo de maravilhoso que eu posso acreditar. Achei engraçado o oportunismo de certas pessoas que vão pra lá (na ocupação das escolas secundaristas em Fortaleza) só pra capitalizar sabendo que os caminhos que eles apresentam, são caminhos do atrelamento, da subserviência. Eles são muito bons.

Eu, particularmente sentia-me dona da cidade, irmanada ao povo em muitos cantos. Amava ruas, avenidas, o vento do centro da cidade. Andávamos muito a pé. Mas tem umas histórias que parecem mentira. Tomávamos muito banho de mar à noite...

Já expulsa, da escola, entre atividades e "pontos", eu percorria as igrejas: da Sé, do Carmo, do Patrocínio, dos Remédios, Redonda, Pequeno Grande, Cristo Rei, Coração de Jesus, da Paz. Eu ficava na pasmaceira, mas a viagem maior eram os vitrais da Sé, que levaram tempo imenso para serem concluídos.

Lembras da Barra do Ceará? Referência imperdível. Praça da Lagoinha, do Carmo, a Se, o palácio do bispo, hoje sede da Prefeitura(acho). As estreitas ruas do centro em passeatas de secundaristas, inchadas, pois íamos arregimentando os estudantes das escolas, quase sempre culminando com a chegada ao Liceu, onde nas ruas periféricas ao Liceu, encontrávamos Jorginho nosso guardião (já falecido, irmão da Moema Santiago).

A casa: Monsenhor Otávio de Castro a uns quatro quarteirões da praça da 13 de maio.

**D. M: Você se importa de falar um pouco sobre a experiência no contato com as operárias das fábricas?**

**MS:** A questão relativa às operárias aconteciam atividades regulares ligadas à panfletagens ou mesmo algumas conversas genéricas em temas que diziam respeito à conjuntura vigente, na saída das operárias das fábricas. Entretanto, o destaque que eu te daria tá ligado a algumas reuniões que nós chegamos a participar das fábricas. Não sei se você sabe, mas a AP tinha uma convicção ligada à proletarização, onde as atitudes da gente, fortemente defendidas, tinham a ver com a simplicidade no vestir, simplicidade essa que nós levávamos até as últimas consequências. Vestíamos roupas muito simples, às vezes até mandávamos fazer roupas de chita, sandálias de borracha. E, participando algumas vezes de certos eventos, ligados a dinâmica das vidas das operárias, coisa que te confesso: não me lembro com precisão do que seja, nos surpreendeu certa vez o fato de que as operárias disseram que tinham feito uma surpresa pra nós. Essa surpresa era o seguinte: elas tinham juntado dinheiro para nos ajudar na compra de roupas melhores e de calçados também. Porque as próprias operárias buscavam se vestir muito direitinho, calçar bem. Esse aspecto eu acho curioso numa certa medida. Retrata o entusiasmo da gente no sentido de nos assemelharmos às camadas populares que nós achávamos mais simples e muitas vezes criava até um termo discrepante daquilo que era a nossa origem de classe e as escolhas que nós fazíamos. Mas tinha aquele colorido de uma sinceridade muito grande, de um respeito muito grande, pelos termos e pelas condições que o nosso povo vivia. Então, o que eu teria de mais curioso para te dizer é isto: esse fato da estranheza que a nossa maneira de vestir, de calçar, causava as próprias operárias. No mais, as atividades eram as comuns: panfletagens na hora da chegada, da saída. Algumas convocações de determinados eventos que estavam porventura sendo realizados em lugares da cidade.

**D.M: Lembro que vocês falaram que iam à praia, às vezes, se divertir um pouco e aliviar essas tensões. Queria saber se a barra do Ceará era um desses locais. Vocês banhavam no encontro do Rio com o mar?**

**MS:** A gente não tomava banho, nem havia brincadeiras, apesar da travessia lúdica, do lugar tão belo, pesavam as tensões ligadas às ameaças que pairavam sobre nós. Íamos nos reunir e respirávamos, em primeira mão, a nossa missão e,

discretamente, as dádivas da bela Barra do Ceará nos pulmões a renovarem os ares da História.

De um modo geral, frequentavam os as praias à noite. Era mesmo diversão, conversávamos, brincávamos, corríamos pela areia e tomávamos banho de mar, de roupa e tudo, como a celebrar a liberdade que sonhávamos e tanto lutávamos, em nossas tenras idades, para conseguir. Mas era meio assim: atuação revolucionária não se misturava com brincadeira, mas as brincadeiras aconteciam, sim.

**D.M: Onde vocês costumavam ir à noite na praia?**

**MS:** Praia do futuro, neste tempo muito erma. Era o distanciamento que precisávamos. Voltávamos à adolescência e éramos a nossa própria natureza, a condição bruta de folguedos e gargalhadas, pois a mácula dos tempos perversos, que tão injustamente caiu sobre nós e foi tocando, de forma inapelável nossa generosidade e nossos melhores sonhos... nestes tempos de só brincar era a mácula era driblada.

**D.M: Fale-me mais sobre como era a vivência na escola, o banheiro (exibi uma foto do banheiro atualmente)...**

**MS:** Era a "zorra" este banheiro. Aí não havia asseio, mas pouco se ligava. Era ponto de "papos" incríveis: Simone de Beauvoir, liberação sexual, música, costumes. A intelectualidade fervia na empolgação juvenil em meio às baforadas dos cigarros. Eu detestava, neste tempo cigarros, e "enchia o saco" das meninas (parem de fumar), mas eu jamais deixei de frequentar o banheiro e rolava camaradagem e o "não enche o saco", qdo eu entrava c/ a cantilena antifumo. Mas estas bancadas nas pias e espelhos não havia. E nem saboneteiras, kkk!

Ah! Faltava água, quase sempre, mas as zeladoras, vez por outra, mas muito espaçado, davam uma geral. Havia também um senhor, tio Luís, que era um espécie de bedeu mor, a gente aprontava c/ ele, escondendo - se nas periferias da caixa d'água, ou nas salas vazias, em cantos, para driblá-lo e ficar até mais tarde na escola, sobretudo, jogando vôlei.





## APÊNDICE C

### **Iracema**

**Conversa com Iracema Serra Azul.**

**Realizada dia 02 de Setembro de 2016.**

**Este documento é uma transcrição de áudio em texto.**

**Iracema:** Cada uma da gente tem uma característica. A cacau é a mais falante, eu sou mais quietinha. A Helena também até que fala. Das 3 eu sou a mais quieta. Mas, eu sei que o nosso período foi muito rico. Muito rico, né. E tinha uma característica dessa geração que é a generosidade. Porque a gente percebia, né, mas podia ser que individualmente a gente não tivesse sofrendo, mas a gente queria o melhor. Mesmo que para isso a gente sacrificasse a nossa...a gente queria a liberdade mesmo sacrificando a nossa liberdade. Seria muito mais cômodo ficar estudando lá no colégio, mas como a gente despertou, aí tinha essa questão de consciência. Das 3 eu era a mais nova. Mas todo mundo comungava junto. Por exemplo, em 64, quando foi o Golpe, eu tinha 11 anos.

Meu pai... a gente é de uma família de escritores, meu avô era escritor. A gente discutia muito livros na hora do almoço e aí eu acho que isso vai despertando. E ele (o pai) tinha um senso - apesar de não ter participado - ele tinha um senso de democracia e ele achava que as mulheres tinham um papel. Essa parte eu achava muito importante nele, inclusive, ele dava presente pra gente de carrinho e boneca. Naquele tempo os brinquedos eram mais, assim, primitivos. Tinha uns carrinhos de corda. Às vezes a gente quebrava, a mamãe brigava e ele dizia "elas tão vendo o que é que tem dentro do carro". A gente era curiosa e queria saber porque é que aquele carrinho era daquele jeito. Aí ele dizia "não, elas podem brincar". A mamãe trazia boneca e ele trazia carrinho.

#### **D.M: Ele não fazia essa diferença de papel com vocês...**

**Iracema:** É... e tinha que estudar. Os presentes que ele dava pra gente era livro também. E na época do Golpe, apesar de a gente ser jovenzinha, a gente entendeu mais ou menos. Porque aí ele nunca toldou a liberdade de expressão da gente. Apesar de noutras partes, ele era bem conservador. Tinha mó cuidado. Se saísse tinha que ser com a mamãe, essas coisas assim.

Mas a gente começou a participar mesmo em 68. 64 foi mais assim... aí eu já tava com 15 anos, a cacau com 16. É só um ano de diferença, da Helena é que é um pouquinho mais. Aí a gente começou na JEC. Inclusive, quando a gente começou, estudava no colégio da Imaculada. E lá tinha um padre muito bom, muito progressista. E as freiras, tinham umas bem reacionárias...e esse padre ele colocava muito a questão do mundo, de quem era realmente Jesus Cristo, que foi um líder, que queria a igualdade. Aí, inclusive, teve uma missa dele, que ele deu um sermão, que ele disse que não se admiraria se fosse ao céu e chegasse lá e tivesse o Che Guevara. E podia ser até que encontrasse alguma dessas feira no inferno (risos). Aí ele foi denunciado, foi desvinculado. Ele era o capelão da Igreja Pequeno Grande. Aí botaram outro padre bem dentro dos padrões da ditadura. Aí a gente saía de lá, fugia porque não podia sair, né. Nesse tempo a gente era muito muito cristã mesmo. A gente saía mas "nós não vamos perder a missa". Aí ia pra missa do Rosário.

Aí quando tinha uma missa importante a gente fugia do colégio da Imaculada. Ai por causa de uma dessas fugas nós fomos suspensas. Isso em 67. Antes do AI-5.

A ditadura começou cortando direito, cortando direitos. Uma coisinha dessa era só suspensão.

Aí nós resolvemos sair da Imaculada e fomos pro Justiniano de Serpa, em 68.

Teve um fato lá...eles (escola) queriam fazer uma piscina. E o engenheiro também era contra a ditadura. Ele fez um estudo lá e disse que uma piscina lá não era viável porque tinha 5 mil alunos. Não era viável porque ia ter problema de doença, o espaço era pequeno, era melhor uma quadra. Por conta disso ele também foi demitido. Porque ele deu a opinião...era uma coisa tão autoritária que tinha que fazer a piscina. Mas a pessoa não podia ter nem o direito de ter uma opinião. Aí ele foi demitido. Nem sei se depois fizeram. Mas o fato de ele ter discordado da coordenação... aí aproveitam essas mínimas coisas pra ter uma justificativa. Aí com o AI-5 é que começou mesmo.

Nós éramos do CESC também que era muito ligado ao pessoal universitário. Por isso que houve um bocado de casamento entre secundarista e universitário. A cacau era da escola...que é Justiniano, mas antes a gente chamava Escola Normal. E o Machado fazia física...aí tinha as reuniões lá no Instituto Básico que era um dos baluartes (da resistência). Se chamava IBUC, Instituto Básico da Universidade Federal do Ceará...que era a química, a física e a matemática. Era no Benfica. O pessoal do instituto eram bem assim, políticos. Foi lá que a cacau conheceu o Machado. Eu conheci o Fonseca, ele estudava com a Helena, minha irmã, aí a gente começou a namorar. Aí tinham vários (risos).

**D.M Percebi nessas conversas com vocês que tem sempre essa questão de tentar ser feliz, mesmo em momentos complicados vocês se divertiam o máximo que podiam.**

**Iracema:** É...o pessoal diz “ceis sofreram muito”, é, teve a parte da dor, mas tem a parte da beleza das relações. Existia muito companheirismo. Inclusive, as divergências...às vezes, tinham brigas assim de muita divergência mesmo, um queria uma coisa outro queria outra, ai brigavam naquelas reuniões e depois saía todo mundo pra tomar sorvete. Entre a gente não existia ódio por conta de divergências, às vezes tinham divergências séria de como conduzir a luta. Por ex, o pessoal que era ligado à ALN era mais radical, mas era a opinião deles, né. Aí tinham outros mais conservadores mas todo mundo tinha um pensamento de melhorar. Tinha as brigas na hora das reuniões, mas todo mundo saía em paz...tinha muita solidariedade entre todos.

A Mirtes deve ter te contado toda a história da escola, da Adísia sá que foi horrível... é uma inversão de valores... aí teve a expulsão, de ela colocar como subversiva. A mirtes não conseguiu se matricular em colégio nenhum, nessa época começou a aumentar a repressão. Eai a partir daí foi cada vez mais piorando... quando começou a haver as prisões mesmo a gente teve que fugir porque estava sendo perseguido mesmo e fomos pra Recife. O meu marido, o Fonseca, ele é irmão da Rosa (da Fonseca) houve um debate na televisão com o Jarbas Passarinho e a Rosa foi como representante dos estudantes (universitários) e nesse debate ela colocou contra a privatização...aí tinha um acordo que era chamado o MEC-Usaid que era do ministério da educação com um órgão americano que eles iam investir, trazer material, etc. (conversa interrompida pela ligação do Desafio Jovem)

**D.M: O acordo era para educação no todo...**

**Iracema:** Isso. Ai tiveram várias passeatas “abaixo o MEC-Usaid” e aí houve esse debate e a Rosa disse que era contra, que era um absurdo...quando ela saiu já tinha a polícia na porta. Ela saiu presa. Prenderam a Rosa e foram atrás do Fonseca e da Fatinha (outra irmã Fonseca), todos eram universitários. Aí nesse tempo eu tava grávida. Casei muito nova, com 16 anos, foi tudo precoce (risos). Tive que mudar de nome, a Andréa, minha filha, teve que nascer com outro nome porque eles tavam atrás de mim. Aí foram uns fatos que eu não gosto nem de falar...foi complicado, tive que fugir, mas não pude fugir com ele porque tava nas vésperas de ter neném...a andrea nasceu em 16 de dezembro de 1971... Deixa eu pegar uma coisa pra te mostrar que tenho muita dificuldade em falar. Olhe, esse livro foi o Fonseca que organizou, foi nos meus 50 anos...essas ilustrações é do Audix que era quase nosso irmão.

**D.M: Militou junto com vocês?**

**Iracema:** Militou, mas um pouquinho afastado, mas é porque ele perdeu o pai cedo aí foi morar com a gente quando a gente era pequeno até casar. Ele já morreu. Ele fez a ilustração e aqui são as poesias e cartas que ele (Fonseca) mandava pra mim quando ele tava preso. Aqui, o “amor no tempo das tormentas”. Aqui foi uma poesia que ele fez... aqui foi quando a gente tava na clandestinidade. Aí são várias etapas da vida... poesias e cartas. A arte do Audi...ele consegue com poucas pinceladas...uma das características dele eram os pássaros...pássaros ou coisas assim do nordeste. “O amor fraterno”...

**D.M: Vocês então tinham assim...eu sinto um apego muito forte uns com os outros pra poder conseguir resistir...**

**Iracema:** Era...assim, quando a gente foi preso foi uma época muito mesmo de todo o tipo de tortura...sequestraram os meninos, o Ernesto e a Andrea...eles passaram 40 dias com eles...e a gente tinha que ter essa coisa (afeto) para poder resistir, senão... Em 1971 começou as coisas a ficarem mais complicadas, fomos pra recife, ai teve as prisões aí depois voltamos.

**D.M: E vocês quando tavam longe, como a senhora se comunicava com as suas irmãs?**

**Iracema:** Tinha que ser por um terceiro, ai escreviam umas cartas completamente cifradas. Até as crianças tinham outros nomes...os nomes deles deixamos com os mesmos nomes pra não confundir... mudamos os sobrenomes. Ao invés de Andrea Serra Azul da Fonseca era Andrea Moreira dos Santos...senão eles iam ficar com a cabecinha, né, ser chamado de outro nome. Os nossos foi que mudou: Antônio Felipe dos Santos (risos) e o meu ficou Marilene. Com esses outros nomes a gente trabalhou...

**D.M: Eram documentos falsos? Tinha que falsificar documentos?**

**Iracema:** Foi nem falsificar. Por ex, a gente foi pra campina grande, interior da paraíba, ai a gente se fez assim bem do interior, com umas roupas bem (simples)... aí a gente disse que queria se registrar porque não tinha registro. Foi outro documento, eram todos legais. A gente foi no cartório, teve duas testemunhas que ninguém nem conhecia... cartório é assim. A partir do registro, tirou identidade, carteira de trabalho, tudo.

**D.M: Por esse anonimato vocês conseguiam dizer onde tavam...pelas cartas?**

**Iracema:** Como a gente participava do grupo AP ai a partir de AP que tinha as cartas mas era de 3 em 3 meses... mandava uma carta bem cifrada...

**D.M:** Em fortaleza a cacau e a mirtes vocês tinham isso de fazer os comícios relâmpago, que às vezes tava aqui na rua e subia no poste...a senhora lembra como era essa militância?

**Iracema:** Como era proibido qualquer aglomerado se marcava assim, 10h da manhã ai todo mundo se comunicava, ai 10h da manhã ia todo mundo pra coluna da hora. Aí um subia, fazia um comício e já vinha a polícia e todo mundo corria. Geralmente era ali pelo centro que se fazia os comício relâmpago. Às vezes fazia também de 2 em 2 dentro do ônibus, de uma parada pra outra. Quando tinha repressão às vezes o pessoal dizia “fica aqui”...ninguém notava que tinha muita reação contrária não. Tinha algumas pessoas alienadas, “vão estudar”, mas era bem menos. Porque era um negócio que via que ninguém tava fazendo nada e vinha a polícia para bater. Quando invadiram a escola, a mãe da Mirtes disse “isso é um absurdo uma escola de crianças”... e a gente se achava muito adulto (risos).

**D.M:** Era a senhora, a Mirtes, suas irmãs...quem mais, a senhora lembra?

**Iracema:** Tinha a Amelinha, a Ana... esse era o grupo mais organizado em Ação Popular...ai tinha um mundo de meninas que não eram de AP, as colegas, Edna, Ivna...eram muitas. Elas militavam mais no movimento secundarista porque ai a gente era mais organizada na AP que era um negócio maior.

**D.M:** Eu tô entendendo que vocês faziam a ponte entre o movimento secundarista e AP, é isso?

**Iracema:** Exatamente. E tinha um grupão...quando era congresso a gente se reunia. A escola parou, né, quando a Mirtes foi expulsa. O justiniano era só menina, e o liceu era um turno que era só menina. Pela manhã e noite era só homem e pela tarde, só mulher. Mas a gente tinha uma amizade muito grande com o Liceu. O Liceu vinha, se juntava com a escola pra fazer as manifestações...eram os colégios do movimento secundarista que tinha mais peso porque nessa época tinham pouquíssimos colégios estaduais. Tinham os colégios mais religiosos, eles não se misturavam com a gente. Os que tinham mais movimento eram os colégios públicos, mas também teve o Imaculada...a gente começou lá.

**D.M:** A Cacau falou que o colégio Imaculada era mais conservador, nera?

**Iracema:** Era...inclusive fazia uns movimentos lá, mas tinha um pessoal bom. Todo canto tem. Aí tinha umas coisas de injustiça...o colégio ele mantinha um orfanato, as órfãs tinha umas que se destacavam e eram incluídas no próprio colégio, nas turmas normais. Só que uma dessas diretoras resolveu que as órfãs tinham que ser diferenciadas. As fardas da gente era branca com seis botões azuis...as órfãs tinham que usar a mesma farda, mas tirar os botões azuis que era pra diferenciar e mostrar que elas (as freiras) tavam fazendo o bem. Aí a nossa turma se revoltou. Tinha duas órfãs...as bichinha chegavam e ficavam tudo encolhidinha no canto. Um dia a gente se reuniu e definiu “amanhã a gente vai tudo sem botão”. Tinha umas mais medrosa que deixava só dois botões, outras tiravam tudo. As freira ficaram danada. Cadê o cristianismo? Se você quer mostrar, então não tá sendo... aí elas voltaram atrás e botaram os botões nas orfãzinha. Essas coisas pequenininhas, mas que era significativo.

**D.M:** a Cacau também falou que vocês se comunicavam através de cartas escritas com cebola...como era isso?

**Iracema:** Sim. Eu acho melhor com o limão porque a cebola resseca rápido, aí quando não tinha limão ia com a cebola. Se for um papel meio amarelado era melhor. Com a chama de uma vela ou no próprio fogão, um pouco longe, o calor vai mostrando as letras.